



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**ELISANGELA CHAVES MIRANDA
NATYARA PAMPHYLIO DO AMARAL
PEDRO SANCHES NOBRE**

**CORPO E TATUAGEM: ESTUDO DOS SEUS SIGNIFICADOS
ENTRE OS DETENTOS NO AMAPÁ**

Macapá
Janeiro/2010

ELISANGELA CHAVES MIRANDA
NATYARA PAMPHYLIO DO AMARAL
PEDRO SANCHES NOBRE

**CORPO E TATUAGEM: ESTUDO DOS SEUS SIGNIFICADOS
ENTRE OS DETENTOS NO AMAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciatura
e Bacharelado em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Amapá
(UNIFAP).

Orientadora: Profa. Dra. Socorro
Oliveira

Macapá
Janeiro/2010

ELISÂNGELA CHAVES MIRANDA
NATYARA PAMPHYLIO DO AMARAL
PEDRO SANCHES NOBRE

**CORPO E TATUAGEM: ESTUDO DOS SEUS SIGNIFICADOS
ENTRE OS DETENTOS NO AMAPÁ**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado em sua forma final pelo Colegiado do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá em 08 / 01/ 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Doutoranda Socorro Oliveira
Orientadora

Prof. Msc. Alexandre Adalberto Pereira
Avaliador

Prof. Raimundo Brito de Lima
Avaliador

A Deus, por possibilitar a nossa existência;

Às nossas famílias, pela compreensão diante do esforço em quereremos conquistar nossos objetivos.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas da turma de Ciências Sociais-2005, pelo companheirismo e pela reciprocidade durante todos esses anos em que estivemos juntos;

Aos educadores do Colegiado do Curso de Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, pela constante dedicação e contribuição em nossa formação acadêmica;

Ao Cel. Valcir Alberto Costa Santos, Diretor-Presidente do Instituto de Administração Penitenciária, pela atenção e espaço que nos possibilitou realizar as entrevistas tão importantes para a construção desse trabalho, bem como aos encarcerados, que foram fundamentais para a realização desse estudo de caso;

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa pesquisa;

Principalmente à Profa. Dra. Socorro Oliveira, que aceitou conosco o desafio de pesquisar as significações e os motivos que levam à prática de tatuar o corpo entre os internos do Instituto de Administração Penitenciário do Estado do Amapá.

Deixamos o pavilhão, dirigimo-nos à rouparia [...]. Tornei a ver a horrível tatuagem no antebraço do rapaz que lá trabalhava: um esqueleto sem pernas [...]. A tatuagem meio desfeita era medonha. Esforçava-me em vão por desviar dela a vista, o homem delicado aventurara uma confiança assombrosa [...].

(RAMOS, 2008, p.366-367)

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Corpo e tatuagem: Estudo dos seus significados entre os detentos no Amapá” traz em seu conteúdo uma reflexão a respeito da tatuagem dentro do Instituto de Administração Penitenciária do Estado do Amapá, analisando os motivos pelos quais os detentos se tatuam e os significados dessas marcas corporais principalmente para os mesmos. Enquanto pertencentes ao grupo de internos desta instituição, esses detentos estabelecem entre si, um meio de comunicação específico e bem articulado para facilitar o convívio dentro do cárcere e, assim, dificultar o trabalho dos policiais e agentes penitenciários diante de qualquer situação provocada por eles. A tatuagem intensifica as relações na cadeia. A cadeia, por sua vez, impõe um amplo espaço de valores e determina a idéia de corpo preso. É comum encontrarmos presos tatuados, fato que pode conduzir a várias significações (códigos) identificáveis entre eles onde quer que estejam (KIFFER, 2006). Os corpos tatuados se entrelaçam com o olhar do outro, o que garante a função simbólica da tatuagem, e a cadeia, nas marcas que produz, constrói e transforma esses corpos. Nesse sentido, conforme aponta Le Breton (2007), buscamos compreender as relações e determinações produzidas pelo corpo como vetor semântico para representar, de forma articulada, através da tatuagem a realidade. Para a elaboração deste estudo de caso, ocorreram entrevistas a partir da aplicação de questionários aos detentos, para dessa forma, conhecermos os motivos e significações do objeto de estudo. Além disso, fizemos uma revisão de literatura para nos fornecer o embasamento teórico-metodológico necessário para a construção desse trabalho.

Palavras-chave: Corpos tatuados. Cadeia. Significados. Motivos. Detento.

ABSTRACT

The present research titled "Tattoo and body: Study of their meanings among inmates in Amapá" brings in its contents a reflection about of tattoo inside of the Administration Penitentiary Institute of the State of Amapá, analysing causes of why prisoners tattoo themselves and the meaning of this body marks principally to them. While belonging to a group of prisoners of this institution, these prisoners establish between them, a way of communication specific and well articulated to make easy the closeness inside of the jail and, just like that complicate the police officer and penitentiary agent's job in the face of any situation provoked by them. The tattoo intensify the relationships in the prison. The prison, by its time, impose a broad space of values and determines the idea of body imprisoned. It is ordinary we to find tattooed prisoners, fact that can transport to many meanings (codes) identifiable between them whenever they are (KIFFER, 2006). The tattooed bodies entwine with the look of an other person, what guarantee the symbolic function of the tattoo, and the prison, in marks that it makes, builds and transforms these bodies. In this sense, according to Le Breton (2007), we search to understand the relationships and determinations made by body as semantic vector to represent, in articulated way, through the tattoo the reality. For the preparation of this study of case, occurred interviews from the application of questionnaires to the prisoners, for this way, we know the causes and the meanings of the object of study. Besides, we did a revision of literature to supply the theoretical-methodological foundation necessary to the construction of this research.

Key Words: Tattooed Bodies. Prison. Meanings. Causes. Prisoner.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CAPÍTULO: CORPO E TATUAGEM	12
1.1 ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS: POR QUE MARCAR O CORPO	12
1.2 REFLEXÃO SOBRE CORPO	14
1.3 TATUAGEM: UMA PRÁTICA MILENAR	16
1.4 TATUAGEM NO BRASIL	22
2 CAPÍTULO: SIGNIFICADOS DA TATUAGEM	24
2.1 IDENTIFICAR, LEMBRAR, CONTROLAR, PUNIR E DISCRIMINAR	24
2.2 A POPULARIZAÇÃO DA PRÁTICA NO OCIDENTE	28
2.3 A TATUAGEM COMO SÍMBOLO DA DELINQUÊNCIA	31
2.4 A TATUAGEM ENQUANTO ESTIGMA	33
3 CAPÍTULO: ESTUDO DE CASO	35
3.1 O CASO DO SISTEMA PENAL AMAPAENSE	35
3.2 A PESQUISA	37
3.3 NO PRESÍDIO COMO TATUAR O CORPO?	42
3.4 TÉCNICA E CONTORNO	43
3.5 A CLASSIFICAÇÃO DAS TATUAGENS	46
3.6 SIGNIFICAÇÕES E MOTIVOS DAS TATUAGENS ENTRE OS DETENTOS	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA OS EGRESSOS DO SISTEMA PENAL AMAPAENSE	63
APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGENS	65
ANEXO - SIGNIFICADOS DAS TATUAGENS DE CADEIA UTILIZADOS PELO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO	67

INTRODUÇÃO

Nos presídios brasileiros, tatuagens de desenhos de mulheres, pontos, santos, caveiras, entre outros, viraram uma linguagem própria e significativa entre os detentos. “Além disso, servem para cobrir cicatrizes de facadas e outros ferimentos. Cada imagem na pele pode revelar o tipo de punição e de vida que o preso levou dentro e fora da cadeia” (ARAÚJO, 2005, p. 32).

Ao depararmos com esse universo corpo/tatuagens no ambiente carcerário, percebido inicialmente a partir da observação de detentos que se tatuam dentro das penitenciárias ou em reportagens jornalísticas e policiais, mostram-se curiosas as maneiras como eles modificam seus corpos, tornando-os cada vez mais como suporte de signos. Mas, que motivos e quais significações têm essas tatuagens entre tais indivíduos?

A prática de tatuar o corpo sempre esteve presente na história das sociedades, seus motivos e significações fazem parte do interesse de estudo das ciências sociais. Desde as sociedades ditas primitivas até às sociedades contemporâneas, as tatuagens assumiram diferentes significados, numa evolução que se pode atribuir às mudanças sociais ocorridas no seio das mais variadas culturas.

O que nos chama atenção é a sua presença na história da humanidade, e seu aspecto pejorativo. Segundo Marques (1997) a tatuagem foi intimamente admirada em algumas culturas e perseguida e banida por outras. O que não impediu que ela estivesse presente em variadas épocas e sociedades.

Atualmente, ela está mais presente no mundo globalizado. Se olharmos um pouco à nossa volta, veremos um espaço de corpos tatuados ou modificados por adornos, escarificações, *piercings*, cirurgias plásticas e outras formas de modificação corporal. Nesse ambiente, a tatuagem aos poucos deixa de ser sinônimo de marginalidade, passando constantemente a fazer parte dos mais diversificados grupos sociais.

Dentro desse contexto de valorização ou preconceitualização do ato de tatuar, por que os detentos, inclusive por se tratarem de pessoas já marginalizadas, continuam praticando a tatuagem? Quais relações se estabelecem a partir da tatuagem no ambiente carcerário? Podemos considerar

que existem códigos dentro do sistema penitenciário amapaense, e que a tatuagem seja um instrumento de comunicação desses códigos? Alguns detentos não se tatuam por ter um pensamento preconceituoso em relação à tatuagem, ou por não se incluírem nos grupos e em seus códigos¹? Após o cumprimento da pena, na vida social e/ou no mercado de trabalho, como seria a aceitação do detento tatuado?

Para essa pesquisa situamos a tatuagem dentro de um estudo mais amplo, envolvendo aspectos da corporeidade e as técnicas do corpo. Em seguida, buscamos contextualizá-la historicamente, para desse modo, refletirmos sobre os motivos pelos quais os detentos do IAPEN as praticam e seus significados assumidos por essas marcas corporais nesse grupo fechado.

É necessário frisarmos que não possuímos um universo total de tatuados existentes no IAPEN, uma vez que o nosso objetivo não é quantificar resultados, muito menos fazer uma análise em caráter definitivo. Os dados parciais e limitados, apenas nos permitem o encaminhamento para as questões aqui levantadas, na tentativa de analisá-las qualitativamente.

Visando atingir o objetivo proposto realizamos sob o prisma da Antropologia do Corpo, uma pesquisa baseada no método dedutivo, e fundamentada na aplicação de questionários e entrevistas aos detentos. Logo, o presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos, os quais visam proporcionar uma maior reflexão, pois se articulam de forma conjunta e em interdependência de um com os outros.

Assim, no primeiro capítulo, expomos uma síntese sobre as modificações corporais, as possíveis hipóteses de seu surgimento e as tatuagens enquanto marcação corporal; seu desenvolvimento histórico no mundo e em especial no ocidente, tendo o corpo como meio pelo qual o indivíduo e os diferentes grupos sociais expõem suas modificações.

No segundo capítulo, traçamos de forma sistemática os inúmeros significados dados à tatuagem enquanto modificação corporal, sua ligação histórica com grupos marginais, sua popularização no ocidente e sua associação

¹ Vale salientarmos que uma abordagem específica e aprofundada em relação aos detentos que não se tatuam ou acerca de seu pensamento em relação à tatuagem não foi focalizada durante esta pesquisa, uma vez que, o objetivo central é o corpo tatuado o que, porém não se descarta a importância de entrevistar-mos, considerando que algumas informações “ditas” restritas só foram repassadas pelos mesmos.

com a delinquência para dessa forma, evidenciar a construção do seu imaginário sócio-cultural.

E no terceiro e último capítulo, buscamos através de um estudo de caso realizado com os detentos do Instituto de Administração Penitenciária do Amapá, mostrar as relações existentes entre eles e suas tatuagens, suas possíveis significações, sua relação com a criminalidade, identidade individual e de grupo. Além do mais, ao longo do trabalho, foram inseridas imagens para auxiliar o entendimento da pesquisa, visto que, se fossem expostas no final do mesmo estariam de certa forma, afastadas da análise das quais fazem parte.

Dessa forma, buscamos analisar as relações entre o corpo considerando que ele “é o vetor pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2007, p. 7), ou seja, que este é construído culturalmente, e, as tatuagens como reforçadoras de significados. Sendo o Instituto de Administração Penitenciária do Amapá (IAPEN), o espaço de entrelaçamento de códigos bem articulados, com características e linguagens específicas, e os corpos tatuados o suporte de tais significações.

1 CAPÍTULO: CORPO E TATUAGEM

1.1 ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS: POR QUE MARCAR O CORPO?

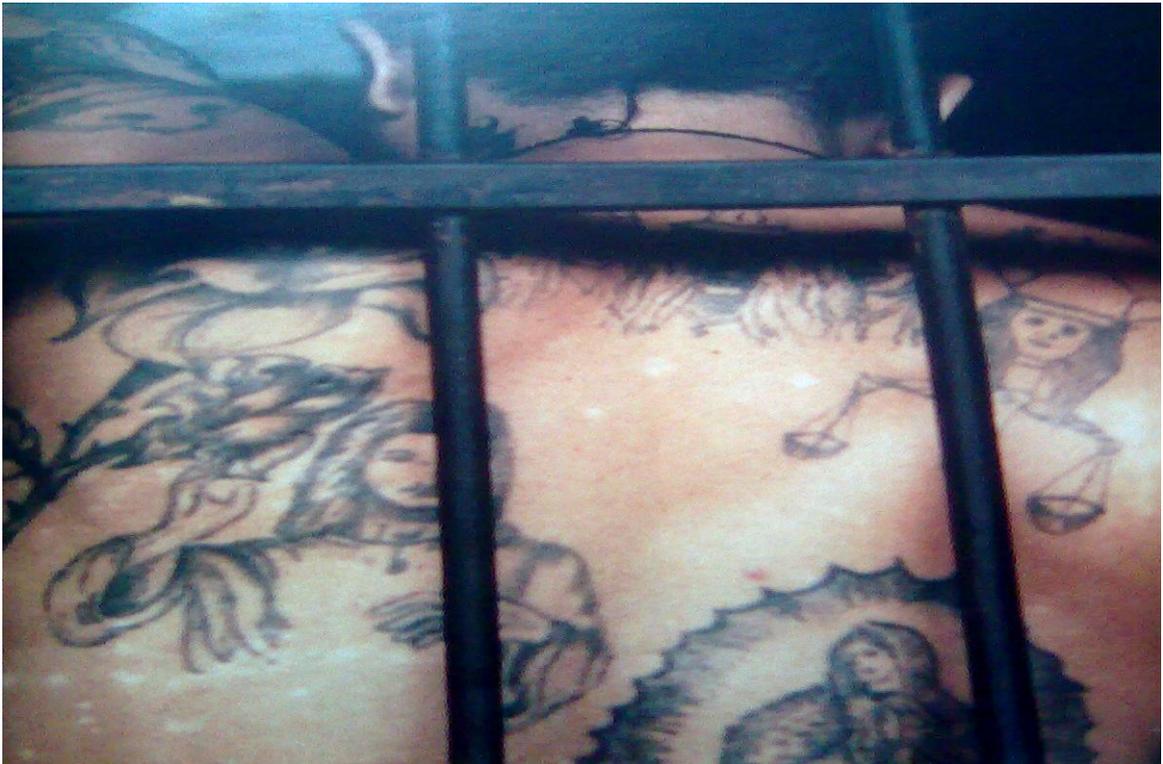


Imagem 1: Detento tatuado sob a grade
Fonte: ARAÚJO, 2005, p. 31.

A partir de tal questionamento iniciaremos nossa reflexão sobre como, ao longo do tempo, os membros das mais variadas sociedades modificaram seus corpos. Dentro desse contexto, as tatuagens; como surgiram, quais significações transmitem aos indivíduos e aos grupos sociais? E o corpo, que papel assume diante de tal prática?

As modificações ou impressão de marcas corporais sempre estiveram presentes na história da humanidade. Conforme Mauss (1974), as diferentes culturas utilizavam as mais variadas técnicas corporais para transmitir ou mostrar, através do corpo, significados que poderiam expor manifestações naturais ou produzidas de acordo com os traços culturais de sua própria realidade.

Deste modo, é admissível que as marcas ou modificações corporais sejam formas de se produzir zonas e recortes que representam, ao mesmo tempo, limites e traçados individuais ou coletivos de acordo com o substrato social. No entanto, não existe uma teoria específica ou datas para explicar a origem das mesmas, ou o porquê de o homem passar a adquirir esses adornos. O que existem são possíveis hipóteses que nos remetem a refletir acerca da indagação: Por que marcar o corpo?

Segundo Rodrigues (2006, p. 16) nos primórdios da humanidade:

[...] cicatrizes de guerra na pele dos homens eram sinais de bravura. Exatamente por essa característica, eles passaram a se marcar voluntariamente, fazendo desenhos com espinhos e pigmento. Quanto mais desenhos, mais amedrontador seria o guerreiro.

Tais marcas seriam também formas involuntárias do homem carregar e registrar em seu corpo a sua própria história. Dependendo da época, elas transmitiam poder, realeza, ou mesmo marginalidade. E a partir de então, passaram a ser criadas voluntariamente ou impostas pelo contexto cultural.

Outra possível hipótese a respeito das modificações corporais está relatada por Araújo (2005, p. 11), ao considerar que: “[...] o homem deve ter se julgado o mais sem graça dos bichos quando se viu nu e sem pêlo diante da beleza dos outros animais [...] Olhou para o próprio corpo e desejou ser diferente”.

Segundo a autora as possibilidades de marcar o corpo estariam vinculadas à observação dos homens em relação aos outros animais, pois os mesmos possuem estruturas corporais distintas. Ao contrário, os homens são genericamente semelhantes, sendo as marcas corporais uma das maneiras de se diferenciarem uns dos outros.

Diante disso, os motivos que levam o indivíduo a marcar o próprio corpo são variados e estão diretamente ligados a fatores sócio-culturais. Nas prováveis hipóteses é possível perceber, segundo Araújo (2005), o corpo como instrumento de comunicação, sendo a pele um espaço para guardar os acontecimentos da vida. Para a referida autora:

É o corpo que se enfeita para ser belo, diferente mágico [...] É corpo submetido a um castigo que dura para sempre [...] É o corpo transformado num verdadeiro manifesto do estilo de vida que cada um quer ter (ARAUJO, 2005, p. 7).

Assim, o corpo desde os primórdios da humanidade vem sendo instrumento que transmite inúmeras significações, a partir das suas múltiplas formas de se apresentar, seja através de adornos, *piercings*, escarificações, ou tatuagens. Ao tornar-se um elemento fundamental do projeto reflexivo do eu, a comunicação corporal passa a ser responsável pela primeira impressão de uma determinada pessoa ou sociedade.

1.2 REFLEXÕES SOBRE O CORPO

As técnicas corporais (MAUSS, 1974) têm sido tema relevante à Antropologia desde os seus primórdios, quando ainda era, por excelência, uma ciência que tinha apenas como enfoque as sociedades tradicionais. Assim, a noção de corpo vem sendo construída e apreendida dentro dessa tradição, como fenômeno não apenas natural, mas histórico e social (LEITÃO, 2000). Sendo o corpo local de manifestações do indivíduo, é fundamental pensá-lo indissociável do contexto sócio-cultural no qual está inserido, para que dessa forma não se corra risco de cometer equívocos.

Atualmente, porém, a concretude do corpo enquanto palpável, físico e natural deixa imperceptível a sua relativização, a sua importância cultural dentro da noção de tempo e espaço. Daí a necessidade de se olhar o corpo como instrumento de manifestação de valores culturais. Para Soares (2001) o corpo é um constante lócus de liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, por ser a primeira forma de visibilidade humana, por isso sua presença exige compreensão e também determina funcionamentos sociais.

O corpo, portanto, expõe ao indivíduo a sua categorização social, é revelador de demandas sociais e individuais. Para Durkheim (apud Le Breton, 2007) o corpo é um fator de individualização, porque possibilita nos diferenciar

dos demais membros da sociedade. Isto ocorre quando modificamos a maneira de nos apresentar, deixamos de ser iguais para sermos diferentes, e o corpo cumpre a função de transmissor de subjetividade ou identidade coletiva.

Nas sociedades modernas as intervenções no corpo encontram-se cada vez mais frequentes. Ao sairmos às ruas ou em qualquer espaço público, nos vemos em um ambiente fértil das mais variadas modificações corporais. Os indivíduos parecem adquirir constantemente a opção de construir e experimentar seus corpos conforme os seus desejos. Desta forma, tornam-se curiosas as maneiras como nos representamos nos lugares e nas relações sociais.

Para Giddens (2002) o eu e o corpo estão profundamente envolvidos na reflexividade da modernidade. Antes, segundo ele, o corpo seria uma espécie de assento inconveniente e inadequado do eu, mas que se emancipou devido à crescente invasão dos processos abstratos da sociedade. Assim, o corpo tornou-se o lugar da interação, apropriação e reapropriação do eu.

A essa construção e recriação corporal apresentada por Giddens (2002), Marcel Mauss (1974) denominou de “técnicas corporais”, que seriam todas as formas de uso do corpo criadas pelo ser humano em sociedade ao longo dos tempos, ou seja, reclassificariam o corpo, em um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que identificariam uma dada cultura.

A técnica, desta forma, afirmaria uma maneira não natural e adquirida de se dispor do corpo, e equivaleria aos gestos simbólicos que são ao mesmo tempo gestos reais e fisicamente eficazes. Portanto, de acordo com (MAUSS, 1974, p. 211): “seria um ato tradicional e eficaz [...]. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue, sobretudo, dos animais: pela transmissão de suas técnicas [...]”.

O corpo socialmente construído e reinventado se diferencia de alguns e o assemelha a outros. Essa assimilação corporal Mauss (1974) diz ser adquirida pelos membros da sociedade através do fenômeno da “imitação prestigiosa”, em que os indivíduos imitam atos e comportamentos de corpos que obtiveram êxito ou sentem admiração. Mas o que torna o ato autorizado em relação ao indivíduo imitador é precisamente a noção de prestígio da pessoa em relação ao indivíduo imitado.

Mauss (1974) também nos remete a idéia de que as técnicas corporais não variam simplesmente de acordo com os indivíduos e suas imitações, mas

essencialmente com o contexto cultural em que está inserido; sua educação, as conveniências, as modas e os prestígios. “[Não obstante] o controle do uso dos corpos parece como necessário ao surgimento da cultura” (DOALIO, 1995, p. 37).

O corpo em todas as sociedades encontra-se articulado e manipulado pelo controle sociocultural que desde o nascimento do indivíduo busca construir uma conduta socialmente aceitável, pois “a primeira maneira de ser mundo é ser corpo [...] somos todos donos de nosso corpo, mas também não somos” (MEDINA, 1990, p. 89). No entanto, é comum que se construam certas posturas e atitudes que podem assumir um caráter natural e ao mesmo tempo fugir do padrão das normas sociais.

Hoje, a dependência corporal se torna cada vez mais cultural e simbólica porque de acordo com Medina (1990) o corpo é apropriado pela cultura, ou seja, é modelado como projeção do social e por isso vai se tornando cada vez mais suporte de signos. Assim, a busca pela singularidade ou pela diferenciação, perpassa primeiramente pelo corpo (imagem) que o indivíduo constrói em convívio social e pelos signos que ele pode adquirir. Deste modo:

[...] o corpo é escolhido como um lugar de exploração e experiências diversas, certamente por ser considerado a “última posse” que resta ao indivíduo, o único território no qual o ser humano exerce a sua liberdade de transformação (SANT’ANNA, 2001, p. 19).

Vivemos na modernidade utilizando o corpo como encarnação da identidade, sustentáculo de signos, idéias e prestígios que podem representar o enquadramento na normalidade ou no desvio. Os homens parecem optar por uma autoidentificação e auto-diferenciação própria.

1.3 TATUAGEM: UMA PRÁTICA MILENAR

Segundo Araújo (2005) a palavra tatuagem origina-se do inglês *tattoo*. Na realidade ela recebeu esse nome em 1769, quando Capitão inglês James Cook

ao chegar ao Taiti ouviu o som *tattoo* (tatau) produzido pela batida de uma espécie de martelinho em ossos finos, que serviam como agulhas, os quais incrustavam, de modo permanente, tinta preta no corpo dos nativos. Cook escreveu-a em seu diário de bordo, e assim, a palavra se espalhou pelo mundo.

Contudo, há indícios de que a tatuagem seja tão antiga quanto à própria humanidade. O próprio Darwin (1809-1882) deixou registrado em *A descendência do homem* “[...] que não havia nação na terra que não conhecesse esse fenômeno, cultivado desde os povos primitivos” (RODRIGUES, 2006, p. 15). Porém, é impossível especificar como, quando, e por que surgiram as tatuagens.

Marques (1997) propõe existir duas hipóteses para a origem das tatuagens no mundo. A primeira supõe que ela nasceu em um determinado lugar, em uma única sociedade, a partir de uma única cultura e espalhou-se pelo mundo. Já a segunda, levanta a hipótese de nascimentos variados, em diferentes sociedades e lugares, espalhando-se por todos os continentes do planeta. Ainda segundo o autor, isto só foi possível por que ela estava na bagagem das grandes migrações humanas, o que, portanto, dificultaria um histórico preciso de sua origem.

A tatuagem enquanto marca corporal surge em decorrência das marcas involuntárias, como já foi exposto. Assim sendo, conforme Rodrigues (2006, p. 15) “a tatuagem flutuou por várias castas sociais, carregando combinações infinitas de signos”. Já Araújo (2005) propõe que ela tenha surgido de uma necessidade, alimentada pela vaidade, de se manter as pinturas corporais, uma vez que os desenhos que as originaram eram feitos de maneira rudimentar e não durável.

Também de acordo com Marques (1997), fontes arqueológicas e históricas indicam que a tatuagem se trata de uma prática milenar. Há exemplos de várias tumbas de mulheres do período Neolítico, Idade da Pedra Polida e do nascimento da agricultura (8000 a 4000 a.C) que possuem figuras femininas de terra cozida, com desenhos nos braços e nas pernas e também nos seios.

Em Esparta, Marques (1997) também relata que, foi encontrada uma estatueta, também de mulher, que em seu braço direito possuía desenhos compostos de quatro linhas partidas, enquanto no braço esquerdo, uma série de losangos. Também na cultura Cucuteni (3000 a.C) na região que hoje é a Ucrânia, existem indícios arqueológicos em cerâmica. Neste caso, as estatuetas em argila eram marcadas com estrias geométricas, principalmente na região dorsal.

Na Antiguidade, os relatos deixados por Heródoto (490-425/ 20 a.C) evidenciam a tatuagem entre os povos Citas, Pictos, Trácios e Tebanos. Os Trácios e Tebanos provavelmente portavam marcas ou estigmas, que poderiam ser desenhos cicatriciais, pigmentados ou não. Já os Pictos, palavra que em latim significa pintado, cuja existência foi registrada no século III, o mesmo autor afirmava que eles viviam no norte da Europa, na região da atual Escócia, e que decoravam o corpo todo com desenhos que possivelmente seriam tatuagens (MARQUES, 1997).

Ainda segundo Marques (2007) os Citas, povos que apareceram por volta do século IX a.C, utilizavam da prática de tatuar o corpo com o intuito de amedrontar seus inimigos com desenhos sensacionalistas. Eles também possuíam, ainda, rituais funerários complexos em que exigiam que fossem feitas tatuagens no cadáver do soberano.

Entretanto, a existência de tatuagens entre os povos Citas em relação aos demais povos relatados por Heródoto durante a Antiguidade, somente foi comprovada em 1948 quando se encontrou pedaços de um corpo de um guerreiro na região em que hoje é a Sibéria. Ele portava desenhos de animais como: peixes, ovelhas e carneiros tatuados nos braços, nas costas e no peito e na parte inferior das pernas.

Marques (2007) também enfatiza que na Pré-história, desenhos e estatuetas de figuras humanas exibindo pinturas nos corpos, ou mesmo relatos historiográficos posteriores, não comprovam de fato a existência de tatuagens, apenas evidenciam a possibilidade da prática de tatuar o corpo entre tais povos. O que, no entanto, comprova-se são achados de corpos de diferentes épocas e sociedades: as famosas múmias da Antiguidade.

Contudo, Araújo (2005) nos expõe que uma das mais famosas é o chamado Homem do gelo (Otzi) que viveu há 2.500 a.C, especificamente no Período Neolítico, e foi encontrado na região dos Alpes, entre Itália e a Áustria. Ele possui cinquenta marcas de tatuagem, todas nas costas e atrás dos joelhos. São linhas paralelas ao longo da região lombar da coluna, uma cruz abaixo do joelho esquerdo e faixas no tornozelo direito. Ele é considerado “o primeiro homem tatuado de que se tem notícia” (ARAÚJO, 2005, p.12).



Imagem 2: O homem de gelo.
Fonte: ARAÚJO, 2005, p. 12.

Outra múmia que se tem conhecimento é a da princesa egípcia Amunet (mãe egípcia) que viveu em Tebas a capital dos faraós. Tudo indica que ela tenha vivido aproximadamente de 2 a 4000 anos a.C, na XI Dinastia, no período do médio império. Os desenhos em seu corpo são simples e abstratos, feitos de linhas e pontos tatuados na barriga, anunciando possivelmente a fertilidade. (ARAÚJO, 2005).

De acordo com Araújo a comunicação através do corpo muda com o passar do tempo, de cultura para cultura e de região para região, por isso o corpo desempenha um importante papel na construção cultural de um povo. E a tatuagem torna-se um dos instrumentos para esse fim, pois desempenha funções de identidade, memória, poder e beleza entre a maioria dos povos, especialmente entre os que não adotaram a escrita, como os indígenas. Como ainda relata Araújo:

Nas sociedades tradicionais, a tatuagem, o *piercing*, e os adornos do corpo funcionam como uma carteira de identidade. Só de

olhar, reconhecemos a origem de um povo, a posição social que cada membro ocupa dentro da tribo e do clã; em alguns casos é possível ler nas tatuagens até mesmo as formas de organização social (ARAÚJO, 2005, p. 21).

Dessa forma, a expressão de valores e sentimentos é transmitida pelo corpo. Ele é uma matriz de significados por excelência e com isso a comunicação se torna intrinsecamente corporal. As tatuagens e outras modificações representam a experiência de contato com o mundo natural e sobrenatural. Berger (2007) nos ensina que é através delas que se constrói uma pele social em que se podem ler as principais estruturas da vida nativa e os seus significados.

Naturalmente, os nativos tatuavam seus corpos durante rituais espirituais e religiosos de passagem para as fases da vida, para o casamento, ou mesmo para as guerras. Na região da Nova Zelândia, mulheres que não portavam tatuagens não eram apreciadas pela sociedade. Por isso a tatuagem era indispensável para aquelas que desejavam ter um bom casamento. Nessa sociedade a prática de tatuar o corpo era extremamente significativa.

Nas Américas, tanto entre os indígenas quanto nas civilizações Maias e Astecas, a tatuagem era comum. Os índios americanos tatuavam já no bebê recém-nascido os símbolos de seu clã. Na Polinésia, por sua vez, os nativos acreditavam que foram os deuses quem ensinaram aos homens a se tatuarem, por isso as a tatuagens eram feitas somente em rituais. Às mulheres se permitiam tatuar somente a face e, aos homens, os rituais começavam aos 12 e terminavam aos 18 anos. A tatuagem transmitia prestígio por ser um sinal de poder e riqueza.

Diferentemente, os nativos havaianos utilizavam a tatuagem não como forma de embelezamento ou diferenciação de classe social, mas a utilizavam em rituais fúnebres. Eles tatuavam principalmente a língua como sinal de luto. Era uma maneira particular de impor respeito e silêncio temporário, até que o ferimento sarasse. A marca da perda, porém ficava tatuada na pele para sempre.

No continente africano, geralmente a tatuagem era pouco utilizada pelos nativos, devido à dificuldade de inserir pigmentos na pele escura. Mas, entre alguns povos ela era encontrada, mais com intenção de embelezamento, proteção contra as forças do mal ou fetiche, principalmente nos doentes, e nas mulheres que aprendiam com as mães as técnicas de tatuar. Os desenhos simbolizavam

fatos importantes na vida dessas pessoas, e as formas dos desenhos tinham significados próprios (MARQUES, 2007).

Na chegada da Idade Média, com o fortalecimento do cristianismo, a tatuagem foi banida, isto é, terminantemente proibida. E uma das maiores “armas” utilizadas contra a tatuagem, cicatrizes, marcas de nascença, má formação, ou qualquer modificação corporal, era o fogo da inquisição. Acreditava-se que o principal elo entre o bem e o mal se dava através do corpo.

No Ocidente, a tatuagem ganhou destaque durante o século XVIII, quando a Europa iniciou suas explorações no Oceano Pacífico. Esse fato histórico merece melhor atenção para essa pesquisa, por isso será abordado com maior ênfase no capítulo posterior.

As tatuagens eram praticadas pelos primitivos em função ritualística, religiosa e estética. Muitos nativos foram embarcados e levados à Europa para exibir seus corpos tatuados, sendo, então, utilizados como uma espécie de mercadoria, pois a exibição de suas peles tatuadas rendia dinheiro para quem os levavam. Segundo Araújo (2005), o chamado príncipe Joely que vivia como escravo nas ilhas Meangis, nas Filipinas, foi um dos primeiros tatuados a pôr os pés na Europa do século XIII.

Os Maoris, povos da Nova Zelândia, foram os primitivos que através de Cook mais revelaram a tatuagem para a Europa. Eles possuíam “desenhos impressionantes: espirais tão profundas na pele que mais pareciam entalhe na madeira” (ARAÚJO, 2005, p. 38). Cada curva do desenho possuía um significado específico que simbolizava, em geral, a família, a descendência, a região de origem e as conquistas coletivas ou pessoais.

Os desenhos eram feitos ritualmente durante sessões que na maioria das vezes duravam anos para cobrir toda a face. Quanto mais nobres, mais espirais possuía o Maori. Nessa cultura o homem tatuado era livre e nobre, enquanto os escravos não podiam ser tatuados. Ainda hoje, essa civilização vê na tatuagem uma força extremamente sagrada.

1.4 A TATUAGEM NO BRASIL

“A história da tatuagem dos índios brasileiros dá voltas no tempo e no espaço. É um dos variados subcapítulos das nossas modificações corporais” (MARQUES, 1997, p. 121). Eles, porém, utilizaram-se mais da pintura corporal do que de modificações corporais definitivas.

Relatos posteriores ao descobrimento já evidenciavam a prática da tatuagem entre os nativos, o que, no entanto, só foi realmente comprovada a partir dos escritos do capuchinho Claude D'Abbeville, autor da obra *“História da missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas”*, publicada no ano de 1614. Ele deixou relatado que entre os seis índios levados para a França, um deles, um guerreiro tabajara portava tatuagens pelo corpo desde as sobrancelhas até os joelhos aproximadamente (MARQUES, 1997).

Ainda segundo Marques (1997) dentre as inúmeras tribos que habitavam o país destacavam-se como povos tatuados principalmente os tabajaras, tupinambás, caduveos (ou kadiwéus) e guaranis. Dentre estes os com maior destaque na utilização de modificações corporais, eram os Caduveos (ou Kadiwéus), por serem considerados excelentes tatuadores. Eles costumavam utilizar um padrão de tatuagem em que marcavam a face com pontilhados que identificavam o clã e a posição social do indivíduo.

A prática entre os nativos brasileiros se dava principalmente por motivos culturais entre os quais: iniciação, hierarquia, magia, luto e sacrifício, ou mesmo como forma de identificação, visando saber quem era da tribo ou quem era inimigo, como ocorria entre os índios da bacia do Japurá (Amazonas).

Marques (1997, p. 129), contudo, nos coloca o seguinte a respeito das tatuagens entre os índios brasileiros:

Com o rito feminino de iniciação na puberdade, tivemos tatuados os gês, os tupis, os cainguás, os guararas, os cabilas. Como instrumento mágico-medicinal, os auetés, camarituras. Como distintivo, caribas, os guanás. Como ornamento sexual, os guanás e os cadiueus.

As tatuagens entre os indígenas, geralmente eram feitas de duas formas: escritas ou desenhadas. Os desenhos eram quase normalmente geométricos em forma de linhas, tramas ou manchas, feitos tanto no rosto como no resto do corpo muitos desprovidos até mesmo de pigmentação.

Apesar da prática já existir entre os indígenas, a tatuagem de fato se disseminou no país a partir das grandes navegações. É primeiramente nos portos fluviais que ocorrem os primeiros contatos entre brasileiros e tatuadores estrangeiros, em geral, ingleses, americanos, e gregos entre outros, passavam por cidades portuárias repentinamente, não se fixando. Apenas se deslocavam com o propósito de encontrar clientes. Eles vinham trazendo a novidade, a tatuagem, de forma itinerante e manual.

Por conseguinte, em 1959, época de muita boemia e prostituição na cidade de São Paulo, a máquina elétrica chega através do Dinamarquês Knud Hald Likke Gregersen, que ficou conhecido como Lucky² *Tatoo* por utilizar a máquina e tintas especiais. Ele dizia que as tatuagens davam sorte, e em menos de seis meses ele já era notícia na TV e a tatuagem popularmente praticada nas mais variadas classes sociais brasileiras (MARQUES, 2007).

² Por ser mais acessível ao público. Além do mais, no mundo da tatuagem, é freqüente a utilização de apelidos. Lucky, que, em inglês, significa sorte, e que, segundo um depoimento do próprio tatuador, o sentido que queria transmitir era "por que: as tatuagens que fazia traziam sorte". (MARQUES, 1997, p. 180).

2 CAPÍTULO: OS SIGNIFICADOS DA TATUAGEM

2.1 IDENTIFICAR, LEMBRAR, CONTROLAR, PUNIR E DISCRIMINAR.

A importância de se relatar os inúmeros significados dados à tatuagem faz-se necessário pelo fato de que eles estão diretamente ligados ao imaginário simbólico presente até hoje na sociedade. Desse modo, torna-se de extrema importância para essa pesquisa. Assim, para compreendermos esse imaginário, expomos de forma sistemática a sua construção sócio-cultural.

Desde os primórdios da humanidade a prática de tatuar o corpo surge repleta de significados, especificamente códigos que vão construindo uma linguagem própria e coerente com a realidade sócio-cultural dos povos que a praticam. O sentido de código implícito na tatuagem torna-se, portanto, substrato de sua existência.

Esses significados estão presentes em toda a história. Na chamada era cristã, “sob o jugo do poder pagão, os primeiros cristãos se reconheciam por uma série de sinais tatuados” (MARQUES, 1997, p. 31). Por serem perseguidos por opositores, precisavam de uma espécie de código de segurança marcado em seus corpos. Tais tatuagens então eram feitas principalmente em partes visíveis do corpo como nas mãos e nos braços com o motivo de os identificarem. O desenho da cruz, as letras IHS (dogma da comunhão), letras gregas, peixes e o símbolo da igreja também eram tatuados nos corpos dos cristãos. As tatuagens os aproximavam uns dos outros, dando a idéia de pertencimento ao grupo.

Desde os tempos das cruzadas, rotas cristãs eram riscadas em forma de tatuagem na pele dos cavaleiros com o propósito de não serem esquecidas. As tatuagens, nesse caso, davam o sentido de lembrança, uma espécie de arquivo. Além disso, em Jerusalém os peregrinos ostentavam através das tatuagens mensagens de devoção em seus corpos. Era comum retornar tatuado o que representava respeito e devoção ao cristianismo, e ao mesmo tempo lembrança do local santo visitado (MARQUES, 1997).

A tatuagem, mais que um adorno corporal, representa um prolongamento da mente. “O indivíduo que a adquire transfere para ela a lembrança de um fato

ou situação. A lembrança, que antes habitava na memória ou em determinados objetos externos ao corpo, agora é incrustada na pele” (PIRES, 2005, p. 89).

Contudo, durante a Segunda Guerra Mundial as tatuagens foram utilizadas pelo governo alemão para segregar os prisioneiros de guerra, principalmente os judeus - maioria nos campos de concentração. O corpo, nesse caso, servia como suporte da intolerância racial, fruto do fundamentalismo ideológico e político, baseado na superioridade racial.

A imposição nazista aos corpos dos judeus revelou o poder de dominação, ou seja, através das tatuagens numéricas buscou-se controlar a população excluída pelo regime totalitarista. Esse controle iniciou-se a partir de maio de 1941, quando os prisioneiros de guerra foram levados para os campos de concentração e lá números de identificação foram gravados a força em seus braços.

Segundo Ramos (2006) a tatuagem nazista nada mais foi do que a não-aceitação do outro, em sua diversidade étnica, religiosa, política, econômica, sexual e social. Dessa forma, os sobreviventes do holocausto representam a memória viva das atrocidades praticadas contra a diversidade humana.

A autora acima ainda publicou vários relatos e depoimentos de sobreviventes dos campos de concentração nazistas, como o de Majer Jesion, cujo antebraço é marcado com o número 143068, ele conta a sua história:

Sou sobrevivente de Auschwitz, muita gente conta a história, cada um conta diferente. Eu tinha 17 anos, era menino. Quando cheguei vi tudo aquilo cercado de arame farpado... Você tira a roupa, tudo, examina, examina... eu nem posso falar porque fico emocionado... eu era mocinho, ficamos todos acanhados... depois tatuado, tatuado. Peguei o que era aquilo. Isso é campo de concentração. Você entra por uma porta ou sai pela outra (apud RAMOS, 2006, p. 42).

Além da marca indelével, das dores físicas impostas aos sobreviventes, prevaleceu, principalmente, o significado simbólico, ou seja, o castigo moral. Para eles as tatuagens revelam bem mais que os pesadelos da imposição da ditadura de Hitler. São como estigmas originários de algo ao qual não deveriam ter sobrevivido, quando a maioria houvera sucumbido.

As tatuagens numéricas estabeleceram políticas de separação entre culturas; judia e alemã, e também representaram fundamentalmente a dominação político-social do corpo, levada às últimas conseqüências. Sendo o corpo um espaço particular sagrado para muitas sociedades, a sua interferência é considerada ofensiva. Segundo Ramos (2006), o que aconteceu nos campos nazistas foram injúrias ao corpo humano, por isso para os judeus ortodoxos, as tatuagens representaram uma dupla ofensa moral e religiosa.

No entanto, a tatuagem como marca discriminatória não foi uma criação nazista, sempre esteve presente social e politicamente, ou no contexto religioso das variadas culturas. Em muitas sociedades a prática era interpretada como a maior punição que se poderia receber. De acordo Marques (2007) na Roma antiga, por exemplo, os criminosos eram marcados na testa. Já no corpo dos escravos, prisioneiros ou dos desertores, geralmente tatuavam-se desenhos de cavalo, coruja ou armas reais.

Nos grandes feudos, os prisioneiros também eram tatuados, o que conferiu à tatuagem o sinônimo de criminalidade. Na França e na Itália, sob um sistema codificado, letras como 'F' marcadas em brasa identificavam ladrões e outros criminosos. Já na Inglaterra, as letras BC tatuadas juntas marcavam que o indivíduo seria de má personalidade (MARQUES, 1997).

No Japão, a prática da tatuagem era proibida até o final da Segunda Guerra por ser principalmente identificada com a máfia japonesa, a *Yakuza*³, e com o comércio de pele humana tatuada para confecções de objetos decorativos (ARAÚJO, 2005).

No Brasil durante a colonização europeia, no período de escravidão e imposição colonial, também se utilizou da prática de marcar o corpo, especificamente por dois motivos: punir ou identificar escravos. As marcas eram feitas com ferro à brasa que não requeriam pigmentos, porém, desenhos, letras (iniciais de senhores) e símbolos ficavam para sempre na pele dos escravos.

Uma das hipóteses relacionada ao uso da tatuagem como marca discriminatória por muitas sociedades, segundo Ramos (2006) pode está ligado ao contexto religioso vivido no período da Idade Média, época de grande

³ Seus integrantes eram grandes admiradores do comércio de pele humana tatuada, além do mais, eles tatuavam todo o corpo, com símbolos mitológicos e frases que expressavam discriminação social. As tatuagens os identificavam como pertencentes à organização, por isso eles não tatuavam partes visíveis do corpo por serem considerados difíceis de esconder.

influência da igreja. Seu registro está presente, nas escrituras sagradas, no antigo testamento, no livro de *Gênesis*, capítulo quatro, versículos de onze a quinze quando Caim matou seu irmão Abel, o senhor lhe disse:

De ora em diante, serás maldito e expulso da terra, que abriu sua boca para beber de tua mão o sangue do teu irmão. Quando a cultivares, ela te negará os seus frutos. E tu serás peregrino e errante sobre a terra. Caim disse ao senhor: Meu castigo é grande demais para que eu o possa suportar. Eis que me expulsais agora deste lugar, eu devo ocultar-me longe de vossa face, tornando-me um peregrino errante sobre a terra. O primeiro que me encontrar matar-me-á. E o senhor respondeu-lhe: Não! Mas aquele que matar Caim será punido sete vezes. O senhor pôs em Caim um sinal, para que, se alguém o encontrasse, não o matasse (ALMEIDA, 1993, p. 6).

Portanto, quando o Senhor pôs em Caim um sinal, imputou em seu corpo a marca discriminatória. A partir de então Caim passou a ser identificado como pecador e ao mesmo tempo a marca o protegeu de qualquer vingança. Outro trecho presente na Bíblia revela o corpo como espaço intocável, está posto no seguinte princípio no livro de *Levítico*, capítulo dezenove, versículo vinte e oito: “Não fareis incisões na vossa carne por um morto, nem fareis figura alguma no vosso corpo” (ALMEIDA, 1993, p. 129).

Se o Senhor pôs um sinal no homem, o homem mesmo não poderia tatuar-se. Esse simbolismo religioso se espalhou por todo o Velho Mundo no período da Idade Média e por isso a prática da tatuagem praticamente desapareceu, por ser considerado ofensivo aos princípios religiosos. Esse princípio foi evidenciado quando o imperador Constantino I baixou decreto de proibição contra a tatuagem, costume que os soldados romanos haviam adquirido durante a campanha contra os Pictos e outros povos. Nas palavras de Marques (2007, p. 31): “[...] o homem não pode danificar a criação de Deus”.

Destaca-se que as modificações corporais provocam mal-estar na sociedade ocidental, devido:

[...] à representação do corpo impressa pelo Cristianismo. Essa representação alcança seu auge na Idade Média, quando vemos expressa, na análise iconográfica, a associação entre essas marcas corporais e as que o designavam o herege, o judeu, a prostituta, o carrasco, o leproso, etc, enfim todos aqueles que se situavam à margem da prática cristã, ou que podiam quebrar a representação corporal, do imaginário da época, como a imagem e semelhança de Deus (BRUNA apud COSTA, 2001, p. 11-12).

A partir do Cristianismo da Idade Média, com relação à sacralização do corpo, as práticas de modificação corporal ficam associadas ao marginal porque estão mais ligadas, no olhar ocidental, à mutilação que à ornamentação. Por isso qualquer alteração definitiva no corpo era encarada como injúria. Esse imaginário social em relação à tatuagem se fez presente por muitos séculos, sendo o seu uso associado a grupos marginalizados.

2.2 A POPULARIZAÇÃO DA TATUAGEM NO OCIDENTE

Assim como na Idade Média, as marcas corporais eram representativas da infâmia e do marginal, construindo-se em uma prescrição social de desonra. O retorno ao uso no ocidente se dá pela busca ativa, de cada indivíduo, por um uso marginal. “Assim, a busca dessas marcas agora funciona mais como uma busca de diferenciação, de construção de uma identidade por aquilo que se distingue” (COSTA, Ana, 2003, p.12).

Segundo Osório (2006), os marinheiros do capitão Cook foram os primeiros a adotarem o costume nativo no Ocidente. Eles não só o utilizaram como adorno, como também aprenderam as técnicas, como observa a seguir:

Vários capitães e marinheiros começaram a se interessar por esta arte, fazendo-se tatuar, transformando, dessa maneira, seus próprios corpos numa tela para ser exibida aos incrédulos olhos do Ocidente. Apesar de que já se tinha conhecimento de diferentes marcas corporais existentes entre os povos “primitivos”, somente quando os marinheiros e viajantes talharam suas peles foi que [...] se estabeleceu uma ponte através da qual

o Ocidente se aproximou e iniciou sua trajetória na tatuagem (FONSECA, 2003, p. 19).

A tatuagem então se tornou uma marca registrada dos marinheiros no século XVIII, sendo eles os responsáveis por profissionalizá-la e os portos, os locais para a realização dessa prática.



Imagem 3: Soldado tatuando o número de seu regimento.
Fonte: ARAÚJO, 2005, p. 53.

De modo geral, no término do século XVIII, com a Revolução Industrial, a era das máquinas modificou o mundo ocidental e o surgimento de novas tecnologias aprimorou os meios de transportes e produção. Nesse contexto, a prática de tatuar o corpo também se mecaniza através da invenção da máquina de tatuar criada em Nova Iorque, no ano de 1891 por Samuel Reilly (MARQUES, 2007).

O novo processo tornou a tatuagem mais rápida e popular, o que fez surgir lojas por toda a América do Norte. “Desenhos prontos eram vendidos por toda parte e a habilidade do tatuador não era mais tão necessária, pois as figuras eram facilmente copiadas” (LEITÃO, 2000, p. 4). É assim que a tatuagem logo se torna

fetichismo, moda, arte e o corpo tatuado espetáculo de circos, parques, e feiras européias.

Conforme Osório (2006) posterior aos marinheiros, outro importante grupo que está associado à popularização da tatuagem é o grupo das prostitutas. Já a partir do século XIX, prostitutas, prisioneiros e circenses passaram também a tatuar-se por iniciativa própria. Para a autora, talvez essa associação se deva à proximidade delas com o universo naval e, conseqüentemente, com os marinheiros.

A evidência do uso da prática pelas prostitutas foi encontrada em vários países. No Japão, elas tatuavam no braço o nome de seus amantes, e no cotovelo, o número de pontos equivalentes à idade deles, o que era interpretado como uma declaração de amor. Na França, uma flor-de-lis as identificava (ARAÚJO, 2005).

Ainda segundo Osório (2006) outro período importantíssimo para a disseminação do uso da tatuagem no ocidente foi o século XX entre as décadas de 50, 60, 70 e 80. Primeiramente a partir da *body art* ou *body* modificações, na qual o artista se colocava como obra viva, usando o corpo como instrumento de comunicação visual.

Nos anos 60 a 80, período em que eclodiram os movimentos *hippie*, e *punk*, a contracultura, a revolução sexual e o ideal de sociedade alternativa, a tatuagem logo se tornou símbolo desses grupos e passou a ser associada a um estilo de vida que fugia dos padrões sociais da época.

No final dos anos 80 a tatuagem começou a sair da clandestinidade. Osório (2006) enfatiza que foi a partir dessa década que o culto ao corpo se dissemina no ocidente e a prática passou a ser incorporada à classe média americana com nível superior, não mais como símbolo de transgressão, e sim como adorno corporal.

Apesar dessa mudança de significado - de transgressão para adorno corporal - a prática da tatuagem ainda continua associada a grupos marginalizados, resquício das idéias religiosas que marcaram o pensamento ocidental na Idade Média e posteriormente aos estudos de Lombroso (2007), que atenuaram o imaginário popular de forma especificamente pejorativa.

2.3 A TATUAGEM COMO SÍMBOLO DA DELINQUÊNCIA.

O uso da tatuagem por criminosos chamou a atenção do médico psiquiatra Cesáre Lombroso. Seu interesse de estudo pelo tema se deu em função do tempo em que passou como médico da penitenciária de Turim e também como médico militar. Isso justifica a participação de criminosos e marinheiros em suas pesquisas.

Lombroso (2007) dedicou parte de sua vida ao estudo dos delinqüentes. Para ele o criminoso era geneticamente determinado, seu comportamento é fruto de sua evolução psicofisiológica, ou seja, o criminoso possui características inatas para o crime. Para confirmar sua teoria ele pesquisou 9.234 indivíduos entre os quais soldados e criminosos. Os aspectos investigados por ele foram os caracteres físicos e fisiológicos, como o tamanho da mandíbula, o formato do cérebro e a forte tendência à tatuagem, e declarou que:

É especialmente na triste classe do homem delinquente que a tatuagem assume um caráter particular, e estranha tenacidade e difusão. Vimos já, como atualmente na milícia, os detentos apresentam uma frequência oito vezes maior de tatuagem do soldado livre (LOMBROSO, 2007, p. 32). As teorias lombrosianas, enfatizavam entre outras ideias que, o “lugar, e, sobretudo o número, são de grande importância antropológica, porque provocam a vaidade instintiva do criminoso” (LOMBROSO, 2007, p. 35).

Porém, sofreram severas críticas por não considerar as circunstâncias sociais e educacionais. Segundo os críticos, as pesquisas de Lombroso nos crânios e esqueletos foram insuficientes para determinar a correlação entre os caracteres fisiológicos com o comportamento delinquente.

Vale ressaltamos que segundo Toffoli (2005) na primeira metade do século XX, entre 1920 e 1940, nos presídios paulistas eram feitas vistorias entre os detentos para verificar a existência de tatuagens⁴ entre os mesmos. Essas

⁴ Tais tatuagens coletadas nesta época compõem atualmente o acervo fotográfico de tatuagens do Museu Penitenciário Paulista (subordinado à Secretaria Estadual de Assuntos Penitenciários - SAP), o qual foi de suma importância para nossa pesquisa, pois nele estão registradas cerca de 1800 fotos de tatuagens que adornavam os corpos dos presos. Estes corpos foram objeto do estudo, e as tatuagens constam de álbuns

avaliações eram obrigatórias e periódicas. Seria uma espécie de laudo de Biotipologia criminal que servia de aparato de acompanhamento correccional, social, fisiológico, e psíquico dos detentos, ou seja, através das tatuagens era possível definir um perfil da vida criminal do preso. Tal prática adotada nas cadeias paulistas foi fundamentada pelas teorias lombrosianas.

Apesar de tais ideias não terem sido aceitas pelo campo científico, seus postulados influenciaram a maneira como as tatuagens no Ocidente eram encaradas, até meados do século XX. Como relata Osório (2006, p. 82):

A tatuagem de cadeia, uma das marcas da tatuagem no Ocidente, se tornou parte do imaginário sobre a tatuagem ocidental a partir do sucesso das teorias de Lombroso (2001) e sua antropometria criminal que tomava a tatuagem como característica de um homem menos evoluído, mais próximo à mentalidade primitiva.

No Brasil, segundo Leitão (LEITÃO, 2000) essa mentalidade só foi superada parcialmente com a chegada da máquina de tatuar em 1959. No primeiro momento, a prática se popularizou rapidamente, mas não foi encarada de maneira receptiva, pois para a polícia, de modo geral, sua expansão era vista como desenvolvimento da marginalidade. Isto, no entanto, não impediu sua dispersão entre as distintas classes sociais nos anos 60 e 70 nas regiões sul e sudeste do país.

No Rio de Janeiro, por exemplo, ela se disseminou entre os jovens da Zona Sul (juventude dourada) os quais eram interpretados como “uma geração marcada pelo estilo de vida ligado à natureza, ao uso de drogas leves e ao surfe” (LEITÃO, 2000, p. 8).

Não obstante ter sido durante anos símbolo de rebeldia, ou seja, ter sido praticada por grupos marginais, a tatuagem ao longo dos tempos se estabeleceu como estigma de marginalidade, por isso a associação entre tatuagem e criminalidade se torna explícita e extremamente frequente no imaginário sócio-cultural da sociedade moderna.

2.4 A TATUAGEM ENQUANTO ESTIGMA.

Analisar o caráter estigmatizante da tatuagem é imprescindível a ser focado no presente estudo, pois comparada às demais modificações corporais a tatuagem se assemelha perfeitamente a uma marca por conferir o indelével ao corpo. Conforme se observa na citação, que aborda com propriedade tal aspecto:

Aí se percebia, tatuado, um esqueleto, ruína de esqueleto: crânio, costas, braços, espinha: medonha cicatriz, no pulso, havia comido a parte inferior da carcaça [...] Desejando livrar-se do estigma, o pobre causticara inutilmente a pele; sofrera dores horríveis e apenas eliminara pedaços do lúgubre figura. Não conseguiria iludir-se, voltar a ser pessoa comum. Os restos da infame tatuagem, a marca da ferida, iriam persegui-lo sempre; fatiota desbotada conservada o sinal da tinta.
(RAMOS apud KEFFER, 2006, p. 11).

Goffman (1988) rendeu valorosa contribuição para esse entendimento. Esse aspecto conduz diretamente à revisão do problema do estigma social que tem sido o eixo de identificação, de classificação e de relacionamento, compreendido pela prática da tatuagem dentro de sua história no Ocidente e que, ainda, hoje, apesar de menos intenso, segue como fator decisivo desta dinâmica.

Partindo de sua análise conceitual em relação ao termo estigma, podemos compreender de forma global o significado dessa marcação corporal, que rendeu inúmeras discussões ao longo de sua aparição na história, e entender seu sentido estigmatizante para a sociedade.

Para isso, partimos da origem e criação desse termo:

Os gregos que tinham bastante conhecimento de recursos visuais criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentavam. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor (GOFFMAN, 1988, p. 11).

Apesar de que, hoje, o significado de estigma está mais associado à desgraça do que à marcação corporal, é o seu sentido literal originário que se enquadra dentro do que as tatuagens representam. Até mesmo os próprios tatuados reconhecem o peso do uso de tais marcações corporais.

Esse conceito permite quebrar a ideia do estigma como algo inato, próprio ou imanente a quem o possui, e translada a análise ao campo das construções sociais e culturais. Ou seja, o desviante se constitui no seio do mundo social, e a partir desta construção é que se desenvolvem as interações evidenciadas pelo estigma.

Dentro desta reflexão, o interessante é que o estigma da tatuagem na modernidade é algo voluntário, porque a pessoa não nasce com ela, nem é induzido socialmente a fazê-la, é uma decisão própria que se realiza como uma opção de vida.

Baseado no contexto histórico do uso da tatuagem pelas diferentes sociedades, o seu uso atualmente continua vinculado à marginalidade, como já colocamos, e por isso as pessoas que as possuem, “independente” de seu *status* social, são estigmatizados por portá-las. Segundo Goffman (1988), é a própria sociedade que constrói os meios de categorizar as pessoas. Para isso, considera certos atributos comuns aos membros de cada categoria. No caso dos detentos sua identidade social está ligada ao uso das tatuagens.

Quanto ao indivíduo tatuado, é comum categorizá-lo como marginal em função do atributo (tatuagem) que possui. Para Goffman (1988) quando fazemos isso estamos imputando ao indivíduo uma identidade social virtual que somente será comprovada através de outros atributos, tais como vestimenta, linguagem, comportamento, etc. É nesse momento, quando buscamos outros atributos que, na realidade, ele, o indivíduo, prova possuir sua identidade social real.

Contudo, Osório (2006) nos expõe que, por ser uma prática frequente nos presídios, a tatuagem assume papel de atributo negativo e dessa forma é considerada um estigma, porém, isto não impede que ela seja, e continue constantemente, a ser utilizada pelos indivíduos encarcerados.

2 CAPÍTULO: ESTUDO DE CASO

3.1 O caso do sistema penal amapaense⁵



Imagem 4: Entrada principal do IAPEN
Fonte: Própria dos pesquisadores

O primeiro espaço utilizado como prisão no Estado do Amapá foi a Fortaleza de São José de Macapá a partir da criação do Território Federal do Amapá em 1943. Esse local foi escolhido em função de, no passado, ter servido de prisão a fim de comportar os escravos, sendo na época o espaço mais apropriado para receber os criminosos e o único provido das mínimas estruturas necessárias para esse fim. Nesse mesmo período foi criada a guarda territorial que tinha o mesmo local como sede. Uma de suas atribuições era guardar e proteger os criminosos do então criado Território Federal do Amapá.

⁵ Todas as informações acerca do sistema penal amapaense foram adquiridas a partir de fontes fornecidas pelo próprio IAPEN, ou seja, foram elaboradas e repassadas por Marlete Ferreira Góes (coordenadora da penitenciária feminina).

No ano de 1950, a Fortaleza de São José de Macapá foi transformada em centro sócio-cultural e de lazer, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Houve assim, a necessidade de se transferir os presos que lá estavam. O local escolhido para a construção da primeira Penitenciária do Amapá foi o bairro do Beiril, denominada também Beiril em função de sua localização.

Inaugurada na década de 60, destinava-se a receber todos os tipos de presos, abrigando homens e mulheres no mesmo espaço. Após duas décadas, com o crescimento da cidade e a superlotação, foi necessário construir outro espaço para abrigar a grande demanda de criminosos.

Em 1980 foi construída a Colônia Agrícola do Estado do Amapá na Rodovia Duque de Caxias, sendo na época, transferidos todos os internos da prisão do Beiril para a Colônia Agrícola. Ainda, na mesma década, a Colônia Agrícola passou a se chamar Complexo Penitenciário do Estado do Amapá (COPEN), sem modificações na parte estrutural e sem melhorias do ambiente em que estavam os presos. Já apresentando desgastes naturais em função da falta de manutenção, continuou a receber os presos de justiça.

No ano de 2001, com a criação da lei n. 609/01, o Complexo Penitenciário do Estado do Amapá foi transformado em Autarquia, sendo gerido indiretamente pela Secretaria de Estado da Justiça e Segurança Pública do Amapá, que passou a administrar os seus recursos e funcionários.

Em 2004, o Complexo Penitenciário se transformou em Instituto de Administração Penitenciária, permanecendo essa nomenclatura até hoje. Estima-se atualmente que a população carcerária no Estado do Amapá seja de aproximadamente 1700 internos. Esse quantitativo se comprime em um espaço destinado a apenas 900 internos. O nível de escolaridade é baixo: cerca de 860 detentos não concluíram o Ensino Fundamental. Além disso, mais de 500 cometeram homicídio e latrocínio. Cerca de 35% (587) são presos provisórios, e 65% (1.113) são condenados. Desse total mais de 1.087 têm menos de 30 anos de idade, possuem idade entre 18 e 24 anos, o que comparado às outras faixas etárias representam a maioria dentro do cárcere.

Contudo, as condições estruturais são precárias, e a população prisional cresce de maneira desproporcional à capacidade física do Instituto. O IAPEN recebe, em média, 141 detentos/mês, são postos em liberdade em média 89

indivíduos mensalmente. Em geral, a cada 6h é recolhido um preso. A população carcerária cresce em média 30% ao ano, mas não cresce o número de vagas.

3.2 A PESQUISA

A investigação se desenvolveu com os internos do regime (semi-aberto) que prestam serviço para a Prefeitura Municipal de Macapá no projeto: Liberdade e Cidadania em parceria com a Vara de Execuções Penais (VEP). Destaca-se que para a realização da pesquisa foi apresentado o projeto de investigação, com a explanação do objetivo do mesmo, que foi devidamente autorizado pelos responsáveis do IAPEN.

Para o projeto Liberdade e Cidadania, os internos são escolhidos através de uma triagem em que o principal pré-requisito é a boa conduta, além do mais, a Lei n. 7.210, Artigo 2º, Inciso I, estabelece que a cada três dias trabalhados corresponda à redução de um dia na pena. Outra contrapartida em relação a tal projeto é o ganho de aproximadamente um salário mínimo por mês, recebido pela família do detento. O tempo de permanência é de dois a três anos e seu principal objetivo é ressocializar os detentos.

De maneira geral, os resultados de tal projeto têm sido satisfatórios e têm contribuído com o ingresso dos libertos no mercado de trabalho. Porém o desempenho do preso é de suma importância. Perguntamos separadamente ao coordenador do projeto Ronaldo dos Santos Lino, se por possuir tatuagens as dificuldades destes indivíduos para o ingresso ao mercado de trabalho seriam menos propícias? Sua resposta destacou que:

É todo um conjunto de fatores! Tatuagem, crime, detento, ou seja, a aparência física, as vestimentas, a técnica é precária. Eles também não têm sensibilidade em definir quantidade e os locais para fazê-la, e os desenhos são mais agressivos que o comum (LINO, 38 anos, depoimento oral).

Foi a partir desse momento que percebemos que a tatuagem de cadeia não se tratava de um simples adorno corporal, muito usado na modernidade. Estávamos diante de um assunto que envolvia uma série de fatores, os quais revelavam toda uma história de vida. A princípio nossa intenção era pesquisamos apenas os que possuíssem seus corpos tatuados, no entanto as informações eram restritas por parte dos mesmos, ou seja, inicialmente não houve reciprocidade e colaboração em relação à coleta de informações, pois, para a maioria deles percebemos que falar sobre tatuagem não é algo agradável, significa expor particularidades e, sobretudo, revelar um mundo no qual o silêncio faz parte do código de ética do grupo. Então surgiu a necessidade de incluirmos os não tatuados por estes estarem no mesmo ambiente e considerarem o assunto tatuagem uma normalidade.

Os questionários foram aplicados a quinze detentos do sexo masculino, os quais dez eram tatuados e cinco não portavam tais marcas. As entrevistas foram realizadas individualmente entre os horários das 08h00min às 12h00min no Estádio Glicério de Souza Marques, onde os detentos trabalhavam no serviço de limpeza do local. Gradativamente conseguimos adentrar a esse mundo fechado, e assim, as problemáticas aqui levantadas puderam ser confrontadas com os relatos dos entrevistados.

Por outro lado, quando pensamos em realizar essa pesquisa nos deparamos com o estigma da tatuagem, nossa primeira curiosidade foi pensar por que na atualidade o seu uso é mais frequente, não mais ligado somente a grupos marginalizados, presente nas mais variadas classes sociais, tornando-se um dos símbolos da contemporaneidade.

Para fazer essa análise partimos da reflexão sobre o mundo moderno e assim da seguinte afirmativa: Na modernidade ser diferente é ser normal. Dentro desse universo de possibilidades, com inovações tecnológicas e mudanças na estrutura social, inserem-se as modificações corporais, o culto ao corpo e a preocupação estética, as quais fazem parte hoje de um padrão social. O corpo tornou-se, portanto, elemento fundamental na vida moderna.

No Brasil existem autores como Leitão (2002); e Osório (2006), entre outros, os quais estudaram a mudança de significado da tatuagem na contemporaneidade, atribuída principalmente ao individualismo. Leitão (2002) enfatiza que o individualismo seria uma das características da modernidade

ocidental, uma vez que com a divisão social do trabalho imposta pelo capitalismo moderno, o ocidente passou a ser regido pela possibilidade de escolhas individuais. A autonomia social possibilitou ao indivíduo tomar suas próprias decisões, nesse sentido, a tatuagem apresenta-se como um dos recursos de se dispor do corpo para torná-lo diferente. Assim, torna-se mais frequente e não mais ligada somente a grupos marginalizados.

Portanto, mesmo tendo ocorrido essa mudança de significado, tatuar-se, ainda hoje implica em ser discriminado. Diante de tal problemática e já de posse de materiais que falavam sobre o assunto, surgiu entre nós um questionamento muito além de nossa primeira curiosidade e que nos fez refletir ainda mais sobre o estigma da tatuagem: por que os presos continuam se tatuando? Já que as tatuagens carregam em si um ar de preconceito, justo eles que, por terem cometido algum tipo de crime, são privados do convívio social e por si só já são marginalizados.

A partir desse questionamento, surgiu uma série de outras indagações: Podemos considerar que existem códigos dentro do sistema prisional amapaense? E que, a tatuagem serve de instrumento de comunicação? Quais significados elas transmitem? E os detentos não tatuados; qual é o seu pensamento em relação à tatuagem? Como é a aceitação desses internos, após o cumprimento da pena, no mercado de trabalho?

Para essas questões, surgiram duas hipóteses: as tatuagens estariam relacionadas com a preocupação da estética corporal, muito forte na atualidade, sendo os presos integrantes da dinâmica social, também estariam ligados a essa preocupação estética; ou teriam relação específica com a situação a qual eles estão submetidos, sendo a tatuagem uma forma de resistência ao controle prisional.

A primeira hipótese vincula o corpo às práticas de embelezamento, entre as quais, a tatuagem. Contudo, as tatuagens com o caráter artístico seguem padrões de refinamento, são feitas em estúdios com técnicas e equipamentos adequados. Para Leitão (2002) as tatuagens de cadeia são totalmente diferentes das tatuagens artísticas ou de mercado, em função do aspecto técnico e também do aspecto simbólico.

Portanto, essa primeira hipótese foi descartada inicialmente quando se constatou que as tatuagens dentro do ambiente carcerário são feitas

artesanalmente. Na maioria, as tintas utilizadas não são as corretas, em alguns casos utilizam-se tinta de caneta prejudicando o resultado final, em outros a tinta utilizada descolore com facilidade, inviabilizando o efeito estético desejado.

Outro fator que propiciou a descartarmos essa hipótese foi confirmado quando perguntamos aos entrevistados⁶: Já foi discriminado por possuir tatuagens? Todos responderam sim. Ou se, após o cumprimento da pena, você acredita que pode ter dificuldades para se empregar em função de possuir tatuagens? A resposta unanimemente também foi sim. Em alguns casos, eles mostravam-se arrependidos em função do preconceito e da impossibilidade de emprego por serem reconhecidos a partir das tatuagens como marginais. Esses fatores revelaram que a tatuagem de cadeia não tem fins estéticos, são reconhecidas pelos próprios presos como estigmas.

A segunda hipótese que considera o corpo como vetor semântico da realidade (LE BRETON, 2007), e a tatuagem o meio disponível para expressar resistência ao controle prisional (OSORIO, 2006) nos pareceu mais plausível. Para entendê-la melhor, contextualizamo-na historicamente. Como já relatamos⁷ o uso da tatuagem como marca discriminatória, em muitas sociedades, está ligado a questões religiosas, e sua prática dentro do sistema prisional se relaciona ao corpo primeiramente como objeto de punição.

Durante anos, segundo Foucault (2008), o corpo foi alvo principal da repressão penal, ou seja, em vários locais do mundo, ele foi utilizado como meio de punição, a qual era executada publicamente. O suplício é um exemplo claro disso; exposição, roda, coleira de ferro, açoite, marcação com ferrete eram a regra para todas as condenações. O sofrimento físico, e a dor do corpo eram elementos constitutivos da pena.

O suplício dos condenados era entendido como penas corporais, dolorosas. Sendo assim, as penas físicas tinham, portanto, uma parte considerável de seu significado e do seu costume, na natureza dos crimes. O status dos condenados às faziam variar ainda mais. Como podemos observar:

⁶ Ver questionário em (APÊNTICE A).

⁷ Cf. Capítulo 2, p. 26-27.

[...] O suplício faz correlacionar o tipo de sofrimento físico, a qualidade, a intensidade, o tempo dos sofrimentos com a gravidade dos crimes, a pessoa do criminoso, o nível social de suas vítimas [...] traça em torno, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado sinais que não devem se apagar; a memória dos homens, em todo caso, guardará a lembrança da exposição, da roda, da tortura ou do sofrimento devidamente constatado (FOUCAULT, 2008, p. 31-32).

Um dos artifícios era marcá-lo para que o crime que se havia cometido ficasse gravado para sempre e permanecesse visível a todos. Havia uma espécie de interação entre lei, escrita e corpo, em que a “escrita existe em função da lei, a lei habita a escrita; e conhecer uma é não pode mais desconhecer a outra” (CLASTTES, 2003, p. 195).

A ideia que se mantinha era que, para ser dura e rígida a lei deveria ser escrita e materializada. Inicialmente se buscou escrevê-la no próprio corpo de forma permanente, sendo a tatuagem um dos mecanismos usados para a efetivação e, posteriormente, surgiu a necessidade de registrá-la fora da pele. No entanto, segundo Foucault (2008) somente em meados do século XIX, o corpo deixa de ser alvo principal de punição, e as penas não mais se centralizam nos suplícios, mas toma como objeto da perda de um bem, de um direito: a liberdade.

Neste momento a prisão passa a “ordenar” os meios de sofrimento, e punição. Isto refletiu na prática e utilização da tatuagem, tornando-a forma de resistência a processos de controle social do indivíduo. A ideia de permanência do uso das tatuagens por grupos marginais foi formulada por Osório (2006, p. 36): [...] “Foi a partir desta idéia que percebi que se a marca pode ser uma forma de resistência, então sujeitos tradicionalmente sob controle seriam o público privilegiado da tatuagem” [...]. Segundo ela, a tatuagem possibilita ao indivíduo autonomia sobre seu corpo.

A partir de então, os presos passam a vê-la não como meio de punição ou mero adorno corporal e sim instrumento de resistência ao controle estabelecido pelo Estado, uma vez que, “própria automarcação do corpo, nestas circunstâncias, indica que o controle estatal não é total, e que o corpo é o derradeiro *locus* na luta entre controle externo e autocontrole. Marcando a si mesmos, estes sujeitos indicavam que seu corpo não era uma propriedade

alienável” (OSÓRIO, 2006, p. 38). Essa alternância de significado aconteceu a partir do momento em que o corpo deixou de ser alvo principal de punição.

Constatamos tal fato quando cruzamos as respostas dos detentos à seguinte pergunta: Qual o significado da tatuagem para você? As respostas abrangeram significados diferentes: lembrança, proteção, amor entre outros. Mas, todos os significados expressaram desejos e sentimentos, ou seja, a tatuagem seria a maneira encontrada por eles para expressarem seus pensamentos dentro do cárcere, visto que o direito à liberdade e o isolamento os limitam.

Pires (2005) ressalta que é através do corpo que se estabelecem nossas relações com tudo que é externo a nós, e é através dele que, mesmo inconscientemente, se manifesta tudo que é interno a nós. A partir disso, constatamos que os desenhos adotados por eles revelam inconscientemente seus desejos e sentimentos particulares ou coletivos que se vinculam com as situações vividas durante o cotidiano prisional e o que houvera ocorrido antes.

3.3 NO PRESÍDIO, COMO TATUAR O CORPO?

A prisão desde seu surgimento é tida como um local de execução da pena, e ao mesmo tempo de observação dos indivíduos punidos. É o espaço que influencia e é influenciado pelo ambiente, em que a vida enclausurada dita as normas, sendo administrada pela organização burocrática (WEBER, 1994). Todavia, a prisão excede a simples privação da liberdade e tende a tornar-se um ambiente com valores e regras específicas.

Dentro das prisões é comum a prática da tatuagem, muito embora seja ilícita ao sistema prisional. Na realidade, além de alguns chegarem já tatuados, outros marcam seus corpos durante o convívio no cárcere. Por isso, segundo Foucault (2008) é necessário ter o conhecimento acerca de cada detento, de seu comportamento, sua personalidade, isto é, mantê-lo sob um olhar constante.

Mesmo possibilitando segurança em relação a suas identidades os tatuados demonstraram-se receosos em responder sobre a relação da tatuagem com a vida na cadeia, informando-nos inicialmente não existir nenhuma ligação,

apesar daqueles não tatuados afirmarem que a tatuagem faz parte do cotidiano prisional. Como se observa no depoimento⁸ a seguir:

Quando cheguei na cadeia, a primeira coisa que me perguntaram foi se eu tinha tatuagem. Respondi que não e o policial falou. Se não tem, vai ter. Pra mim é uma questão de honra sair sem tatuagem (M.S.C. G., 29 anos).

A partir da fala do entrevistado podemos evidenciar que a prática da tatuagem dentro do ambiente carcerário é comum, fazendo parte da vida prisional. Foi a partir da análise inicial desses fatores que percebemos os fortes indícios de que a tatuagem, no ambiente carcerário, está diretamente ligada à realidade dos detentos, assumindo o corpo, o papel de transmissor dessa realidade.

Na prisão, geralmente a prática da tatuagem segue uma ordem rígida, que pode ser modificada de acordo com as necessidades comunicativas de quem as possui, ou seja, de acordo com atribuição hierárquica determinada a partir dos símbolos. Tais símbolos por sua vez, podem revelar códigos guiados não pela lei escrita, mas pela honra, e além de poderem revelar o tipo de punição e de vida que o preso levou dentro e fora da cadeia, estariam também vinculados ao grau de periculosidade destes indivíduos.

Segundo Silva (1991) entre os detentos o ato de tatuar-se constitui um código fechado, pensado e criado para ser interpretado por iniciados e veteranos da criminalidade. Suas tatuagens não possuem refinamento devido à ausência de técnica e às condições precárias dos materiais utilizados em sua produção. Há uma espécie de jogo em visualizá-las e escondê-las.

3.4 TÉCNICA E CONTORNO

Entre os entrevistados observamos que a técnica por eles utilizada é rústica e extremamente precária. Inicialmente eles diziam que suas tatuagens

⁸ Em relação aos depoimentos incluídos no corpo da pesquisa, buscando preservar a identidade dos entrevistados, deste modo, os identificamos apenas pelas iniciais de seus nomes e suas idades.

teriam sido feitas com máquinas profissionais, porém posteriormente passaram a relatar que utilizavam máquinas artesanais feitas pelo detento tatuador no próprio ambiente carcerário.

Em relação aos materiais⁹ utilizados para a constituição das máquinas artesanais, os detentos tatuados mostraram-se receosos em discriminá-los. Daí a suma importância dos relatos daqueles que não possuíam tatuagens. Como expõe o depoimento e as imagens a seguir: “As tatuagens geralmente são feitas com máquina artesanal de motor de máquina de cortar cabelo, e agulha de costura 0,12 [...] A agulha é descartável [...]” (P.D.S.B., 25 anos).



Imagem 6: Material usados
Fonte: Própria dos pesquisadores



Imagem 7: Máquina artesanal
Fonte: Própria dos pesquisadores

O resultado final das tatuagens é fundamentalmente influenciado pela ausência de materiais adequados, por isso elas são inacabadas e se revezam entre as colorações; preta e verde, as quais são tintas de canetas e outras misturas produzidas pelos próprios presos.

⁹ Vale colocarmos que as imagens 6 e 7, foram fornecidos por um ex-detento do IAPEM, o qual preferiu não se identificar. Servem apenas como ilustração entre o depoimento e a realidade circundante, não possuem vínculos com aqueles em que no momento da pesquisa se encontravam em cumprimento de pena (regime semi-aberto).

Além disso, os desenhos são feitos sem a utilização de anestesia, direto no local escolhido e sem nenhuma outra substância para amenizar as dores. Há uma espécie de dever (honra) em mostrar resistência a dor, ou seja, não se deve demonstrar sofrimento durante a prática da tatuagem.

Outro aspecto curioso é que a tatuagem dentro da cadeia normalmente possui valor comercial ou de troca, como se observa no relato a seguir: “Sempre quis fazer uma *tattoo*, aí eu tava trabalhando no pavilhão perto do cara que fazia, fiz amizade com ele, e aí fiz. Mas, ele cobra 30 reais” (I.M.N., 25 anos). Assim como no estúdio profissional, cobra-se um determinado valor que pode variar de acordo com o desenho desejado, ou troca-se por materiais pessoais ou favores, mas elas também são feitas por afinidade o que, porém, é exceção.

Entre eles o local do corpo mais comum escolhido para a realização das tatuagens são os membros superiores (braços, peitoral e costas) em função da facilidade de se expor. Nesses locais geralmente se tatuam desenhos que significam lembrança como; o nome de filho, namorada, ou liberdade como; águias e outros pássaros, ou proteção como; imagens religiosas, de santos e anjos.

De acordo com Silva (1991) antes a tatuagem de cadeia era feita em locais do corpo que destacavam certa obscenidade, era comum que partes íntimas fossem tatuadas justamente por serem mais fáceis de esconder. Hoje, observa-se o quanto é mais exposto o local em que a tatuagem se articula. E ainda assim, ela continua a ser enigmática.

Na maioria das vezes, entre os detentos, a tatuagem deterá duas principais características; incluir ou excluir a um grupo um determinado indivíduo simplesmente pelos desenhos que este carrega tatuados em seu corpo (TOFFOLI, 2005). Acerca disso, percebemos que, entre os entrevistados, a prática se encontra dentro da normalidade, por isso não existem distinções entre eles em função de suas tatuagens, isto é, entre os que são tatuados e não tatuados. Tal sentimento de normalidade demonstra que o estigma encontra-se lá fora, pois até aqueles que não se tatuam vêm a prática como sendo comum desse mundo fechado, e a faz quem assim escolher.

3.5 A CLASSIFICAÇÃO DAS TATUAGENS

Segundo Toffoli (2005) vale ressaltarmos acerca de um conceito muito utilizado por tatuadores profissionais que é o conceito do *scratch*, o qual se aproxima muito a um desenho feito a mão livre sobre a pele. De modo geral este conceito refere-se a um acabamento precário, sem refinamento e técnica, logo, o que é típico da tatuagem realizada na cadeia por esta não possibilitar subsídios para a elaboração de uma tatuagem refinada.

Contudo, observando o material disponível e de acordo com Silva (1991) que as tatuagens dos entrevistados se organizam em três tipos essencialmente: figurativas, abstratas e híbridas, os quais se organizam a partir de distintos significados e motivos.

Logo, as figurativas referem-se a desenhos de formas definidas faces de pessoas, animais, letras e objetos, os quais possuem relação direta com seus possuidores, são comumente fáceis de serem identificados, mesmo quando não se sabe o seu real significado, mas podem também se encontrarem em locais escondidos de seus portadores, sendo apenas vislumbradas.

Já as abstratas são tatuagens representadas por pontos e abreviaturas, os quais possuem significados específicos e códigos formados pela união de elementos pertencentes essencialmente ao universo da criminalidade. Destacam-se pela economia de elementos gráficos associada à necessidade de discrição. Esse tipo de tatuagem foi raramente observado sendo seu significado ocultado pelos entrevistados.

As híbridas, por sua vez, são tatuagens formadas por elementos figurativos e abstratos, que se mesclam em uma mesma imagem ou formam um determinado desenho constituindo certa codificação, ou seja, significados difíceis de serem identificados. Também esse tipo de tatuagem foi meramente observado.

3.6 SIGNIFICAÇÕES E MOTIVOS DAS TATUAGENS ENTRE OS DETENTOS

As tatuagens a seguir referem-se estilo *scratch*; por não possuírem refinamento e mais parecerem desenhos manuais. Ainda, se destacam pela economia gráfica e ausência de coloração.



Imagem 8: Triângulo com pontos
Fonte: Própria dos pesquisadores

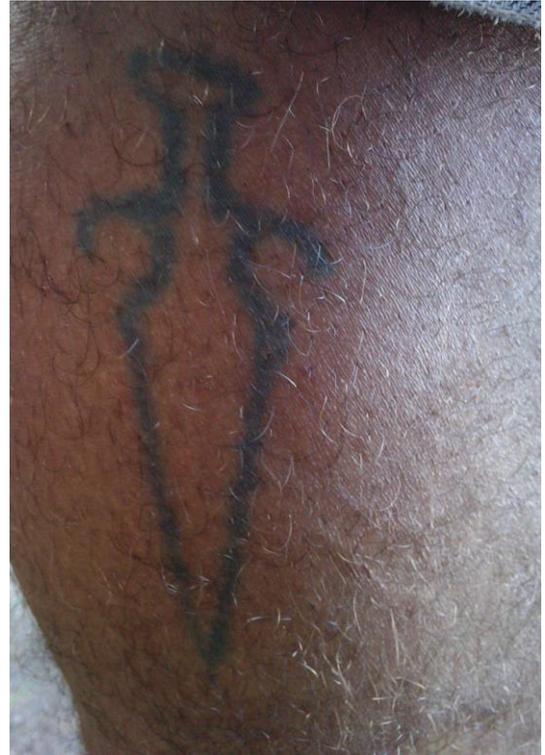


Imagem 9: Espada
Fonte: Própria dos pesquisadores

Na imagem oito, a necessidade de descrição surge representada principalmente a partir dos pontos, que são muito utilizados como código. Tais pontos somente podem ser interpretados por quem os conhecem. O motivo e definição do desenho não foram expostos pelo entrevistado, o que evidencia uma provável restrição acerca de seu real significado. Contudo, na imagem nove, apesar de sua semelhança com um punhal, à tatuagem foi identificada pelo entrevistado como sendo uma espada. Porém, não foi exposto o seu significado e motivo(s) de tê-la sido feita.

De acordo com o significado¹⁰ considerado pelo sistema prisional, a tatuagem da imagem oito em relação à quantidade de pontos pode significar que o indivíduo tenha praticado tráfico de entorpecentes. Já a imagem nove, que o indivíduo possua uma personalidade destemida e valente intimamente vinculada a sua vida criminal.

Observamos controvérsias entre descrição e o local do corpo tatuado, visto que ambas foram feitas em partes visíveis do corpo. Não houve necessidade para escondê-las. O que torna o significado e a imagem de ambas as tatuagens enigmáticas aos olhares dos outros, mais pelo contorno gráfico do que pelo local em que foram feitas

Ambas as tatuagens a seguir possuem um estilo característico de quem as possuem. São insuficientemente refinadas, dando a impressão de inacabadas.



Imagem 10: Frase de anjo
Fonte: Própria dos pesquisadores

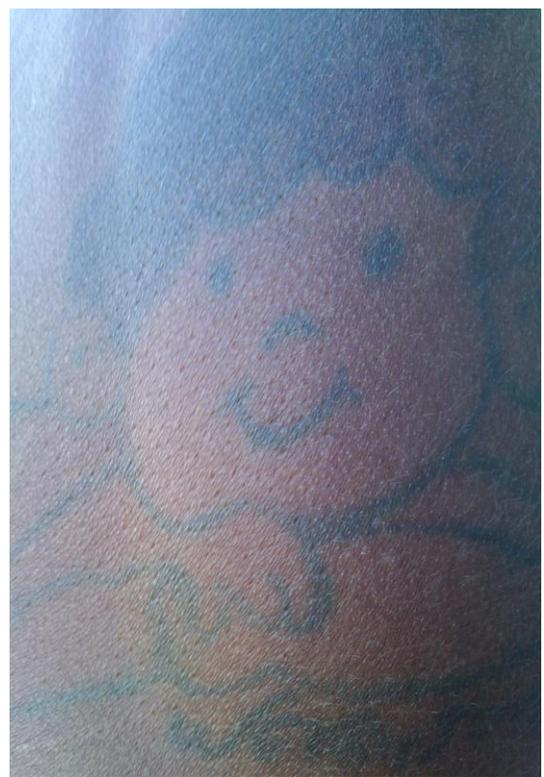


Imagem 11: Anjo
Fonte: Própria dos pesquisadores

¹⁰ Refere-se às nomenclaturas bem como a análise de significados das tatuagens coletadas dos corpos dos ingressantes do sistema penitenciário Paulista entre 1920 e 1940. (Disponível no *site*: <http://www.eap.sp.gov.br>). Ou ver em ANEXO.

A imagem dez, inicialmente proporciona ideia de pertencimento a grupo, por se tratar de uma frase e não de palavras soltas, entretanto o significado também não foi revelado pelo entrevistado. Em relação à imagem onze, o entrevistado declarou ter sido feita com o intuito de proporcioná-lo proteção e paz.

A partir das observações, notamos existir um número maior de tatuagens figurativas, em relação às abstratas. Para uma melhor compreensão;

As tatuagens figurativas possuem e exibem uma maior preocupação plástica que as abstratas ou as letras do alfabeto, contendo, à primeira vista, um maior número de informações: informações mais densas, pois afastando-se da informação fria da atividade ou direta e inequívoca do pertencimento, trabalham também com o imaginário social, atribuindo qualidades, características e poder (SILVA, 1991, p. 10).

A seguir, a imagem trata-se uma tatuagem tipicamente figurativa, que se enquadram ao que Silva (1991) enfatiza, pois tal tatuagem trabalha com imaginário social, ou seja, especificamente religioso de quem a tatuou e também de quem a visualiza.



Imagem 13: Jesus Cristo
Fonte: Própria dos pesquisadores

Conforme o significado utilizado pelo ambiente prisional, quando se tratam de imagens religiosas, os locais onde foram tatuadas são levados em consideração em função do significado. Em tamanho pequeno no peito ou nas costas significa símbolo de proteção esperança ou, arrependimento. Em tamanho grande acima da metade bem ao centro das costas significa que o preso foi violentado dentro do cárcere, ou mesmo marca a índole de um estuprador. O significado exposto pelo entrevistado é que ela representa proteção. A referida tatuagem foi feita em tamanho pequeno no peito. Desenhos tatuados nesse local são típicos entre os detentos.

Entre os entrevistados constatamos a partir das imagens quatorze, quinze, dezesseis, dezessete e dezoito¹¹, que devido à distância familiar, as tatuagens surgem em seus corpos em função da possibilidade de registrarem lembranças agradáveis, fatos, pessoas, momentos, ou acontecimentos importantes de suas vidas. Isto é, eles as fazem com a intenção de demonstrarem explicitamente seus sentimentos. Para eles, a tatuagem é uma forma de marcar na pele, de maneira indelével, tais recordações.

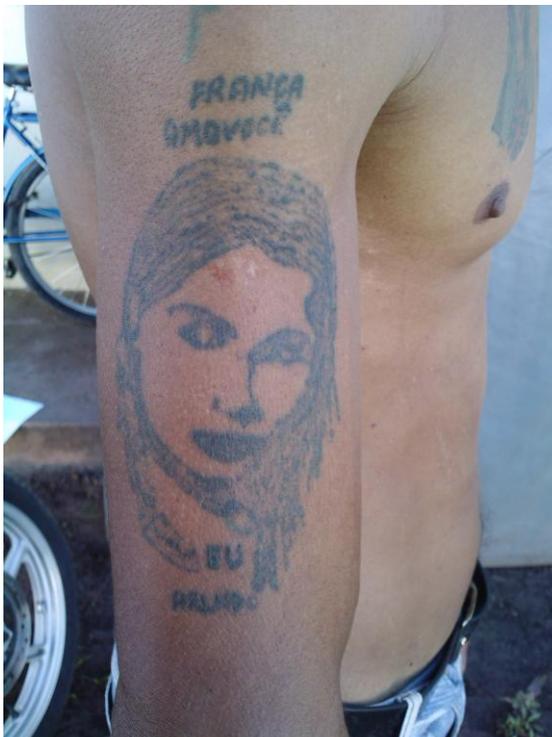


Imagem 14: Face da amada
Fonte: Própria dos pesquisadores



Imagem 15: Coração com nome de mulher
Fonte: Própria dos pesquisadores

¹¹ Por se tratarem de tatuagens de imagens (face) e mesmo nomes particulares explicitamente vinculados à vida íntima particular de seus portadores, houve a necessidade de registrá-las a partir de um termo de autorização de imagem. (Ver APÊNDICE B).

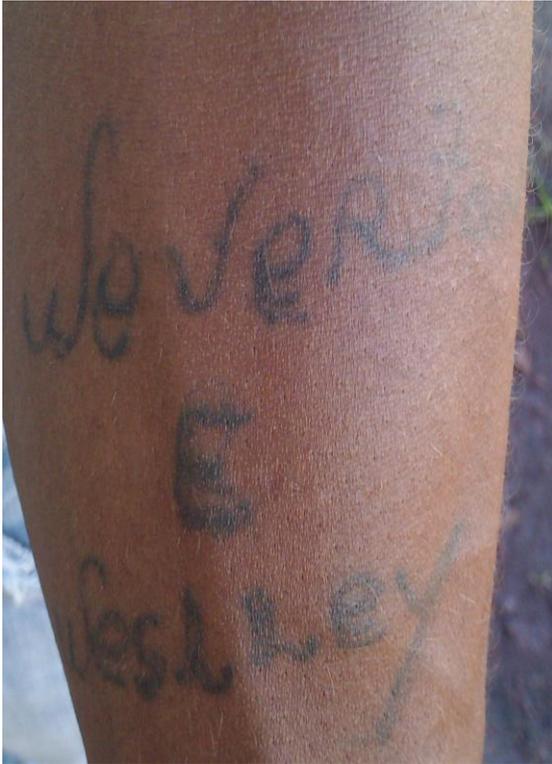


Imagem 16: Nome dos filhos
Fonte: Própria dos pesquisadores



Imagem 17: Homenagem ao filho
Fonte: Própria dos pesquisadores

Entre aqueles que se encontram encarcerados, a liberdade é um dos principais desejos. Para a maioria dos entrevistados, falar sobre a vida na prisão remete-os também a falar de liberdade. Seus desejos estão ligados ao futuro em relação ao cumprimento da pena. Suas perspectivas, sonhos e objetivos que dizem respeito a eles mesmos falam “ao mundo do lado de fora”, sendo que, por eles estarem em privação do convívio em sociedade, o corpo deixa de ser puramente biológico e passa a ser utilizado como suporte de signos e a tatuagem, muito mais que um adorno corporal, torna-se um meio para expressar seus anseios.

De forma geral, tatuagens de pássaros e aves, como se observa nas imagens dezoito e dezenove, as quais carregam o significado de liberdade, por isso são possivelmente desenhos facilmente tatuados entre os detentos e, comum no ambiente carcerário. Pelo depoimento do entrevistado pudemos perceber explicitamente essa ideia em relação ao seu significado e o anseio de liberdade vinculado ao ato de tatuar-se: “Fiz porque a águia quer dizer liberdade: pretendo sair logo daqui” (C.S.A., 37 anos).



Imagem 18: Águia 1
Fonte: Própria dos pesquisadores

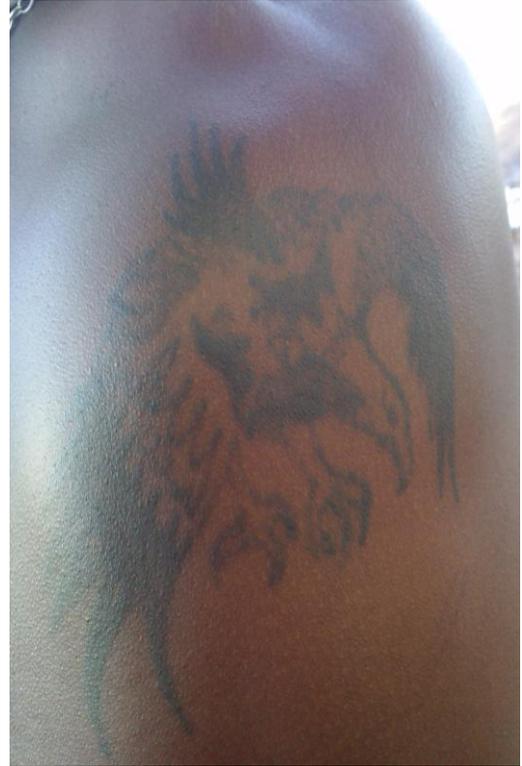


Imagem 19: Águia 2
Fonte: Própria dos pesquisadores

É notória que apesar das condições precárias durante sua realização, a tatuagem de cadeia tenta aproximar-se da artística, em relação aos traços e ao melhoramento de sua composição, bem como aos motivos que esta representa o que, porém, não é unanimidade. Este pode ser um indício de flexibilidade na articulação do código da tatuagem no mundo criminal, ou seja, o estilo “marginal” tenta se aproximar do que é socialmente aceito, possivelmente por duas finalidades: confundir quem a olha ou expandir o código criado na cadeia para fora dos limites dela.

Outra observação está relacionada com o que se chama de “bonito”, o que os atraiem visualmente. Neste momento torna-se interessante remetermos às ideias de Goldenberg ao comparar o culto ao corpo à imitação prestigiosa¹² (MAUSS, 1974);

É possível afirmar que o culto ao corpo, com todos os rituais de embelezamento, rejuvenescimento e modelagem das formas a ele associados, deve grande parte de sua propagação a uma

¹² Ver Capítulo 1, p. 15.

imitação, baseada no prestígio conferido àquelas (àqueles) que ostentam um físico dentro de determinado padrão estético (GOLDENBERG, 2005, p.36)

A consumação do ato de tatuar-se entre os entrevistados em muito se compara ao que a autora supracitada enfatiza, pois, grande parte de sua propagação deve-se também a uma imitação baseada no prestígio conferido àquelas que desejavam tatuar o corpo, adquirir uma ou mais tatuagens, diferenciando-se, porém, por não ser entre eles especificamente um culto ao corpo¹³, com rituais de embelezamento. Por ter observado no outro, ocasionou-lhe admiração, o que o levou a fazê-la na pele. Em alguns casos são tatuagens derivadas do prestígio, ou seja, da imitação prestigiosa (MAUSS, 1974). Há exemplo utilizamos as imagens a seguir, de desenhos conhecidos como tribais;



Imagem 20: Tribal 1
Fonte: Própria dos pesquisadores



Imagem 21: Tribal 2
Fonte: Própria dos pesquisadores

¹³ Notamos a partir deste estudo de caso que, geralmente a tatuagem de cadeia não possui traçado uniforme e nem coerência nas proporções, especificamente em função do equipamento inadequado, tinta ou mesmo falta de habilidade do tatuador, o que poderia desqualificar uma tentativa de culto do corpo.

Em meio carcerário, esse tipo de desenho é frequentemente encontrado. Eles os tatuam não em função de seu significado, mas por imitação. Tal percepção foi reforçada a partir da resposta do entrevistado acerca dos motivos que o levou a tatuar-se (imagem vinte e um): “Vi esse desenho num cara. Achei bacana. Aí fiz uma igualzinha no braço. Não tem assim um significado pra mim, fiz porque achei bonita” (L.F.O., 30 anos). As tatuagens por mais estranhas que sejam, carregam motivos e significados que até mesmo o seu portador desconhece.

Tais tatuagens (tribais) são também utilizadas como símbolo de identidade de grupos, como as gangues. Além do mais, ambas as tatuagens são comumente associadas à delinquência e à criminalidade em função da agressividade visual do desenho e seu contorno enigmático. Especificamente na imagem vinte, é evidente a precariedade da coloração. Segundo o entrevistado, esses desenhos são difíceis de serem tatuados devido aos detalhes e à quantidade de tinta necessária para a sua realização.

No início da pesquisa¹⁴ levantamos a hipótese de existirem códigos dentro do sistema penitenciário amapaense e da tatuagem ser um instrumento de comunicação desses códigos. Tal hipótese surgiu devido a inúmeros estudos sociais e reportagens jornalísticas no Brasil e em outros países que, há muito, considerava a tatuagem uma linguagem codificada para a criminalidade.

Todavia, entre a maioria dos entrevistados não avistamos vínculos entre seus desenhos e facções ou grupos organizados. Mas notamos, a partir dos dados coletados, que, além de relatarem traços da personalidade do detento, as tatuagens possuem significados específicos que só quem vive em meio ao ambiente prisional ou no meio marginal flagra. Nesse sentido destacamos as seguintes abordagens:

[...] A partir do momento que passa a existir um fenômeno cultural, a tatuagem criminal se espalha aos arredores, ou seja, passam a conhecer e ao comungar deste código, representantes sociais que rodeiam este universo circunscrito à cadeia, tais como, agentes penitenciários, policiais, jornalistas, juízes e promotores, além de toda a sociedade que comunga de maior proximidade com o universo delinquente [...]. Ou seja, a tatuagem carcerária compreende o universo restrito ao âmbito do cárcere

¹⁴ Ver Introdução, p. 10.

produzido e influenciado por relações estabelecidas lá [...] (TOFFOLI, 2005, p. 3).

Ainda assim, ao perguntamos aos presos tatuados “Você tem algum conhecimento se, no interior das penitenciárias, existe algum significado das tatuagens nos presidiários”? A maioria respondeu desconhecer, afirmando não existir. E mais uma vez, destaca-se a importância dos relatos daqueles não tatuados¹⁵ como se observa; “Há existe [...] tem preso que fez por causa do crime, e tem também quem fez por causa do seu grupo de dentro ou de fora da cadeia; as gangues” (L.P.G., 35 anos). Acerca da afirmação, torna-se evidente a probabilidade de vínculos entre tatuagem e criminalidade entre os internos do no Sistema Penal Amapaense. No entanto, a seguir, as imagens vinte e três e vinte e cinco¹⁶ comparadas às imagens vinte quatro e vinte e seis evidenciam a possibilidade de indícios explícitos entre o perfil do preso e o delito cometido, o que, porém, requer mais tempo de investigação científica (etnografia).



Imagem 22: Faca na caveira
Fonte: Acervo do Museu Penitenciário

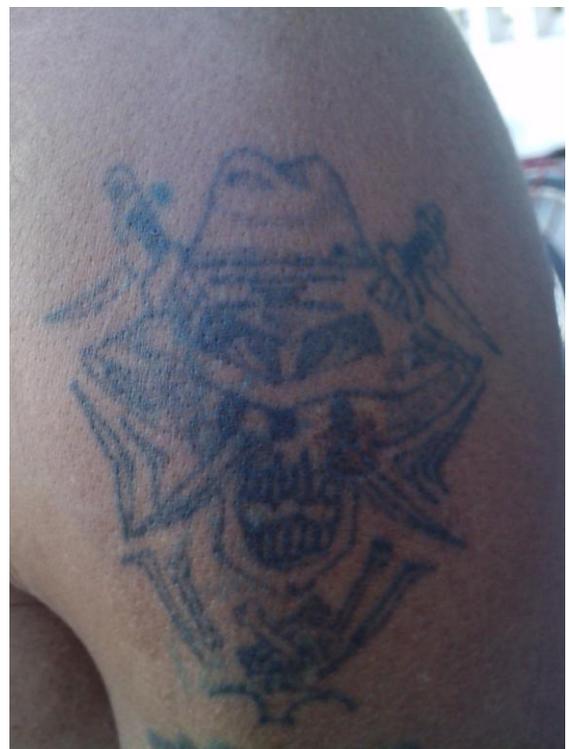


Imagem 23: Caveira com duas facas
Fonte: Própria dos pesquisadores

¹⁵ Considerando que os relatos dos detentos não tatuados (p. 44) foram essenciais para o fornecimento de informações até então restritas.

¹⁶ As imagens 22 e 24 (disponível no [site: http://www.eap.sp.gov.com.br](http://www.eap.sp.gov.com.br)), 17/09/2009.



Imagem 24: Diabo 1
Fonte: Acervo do Museu Penitenciário

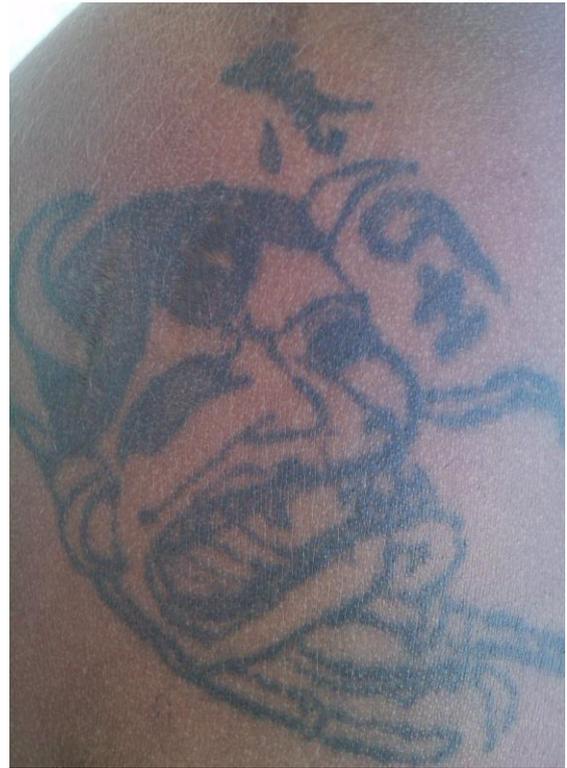


Imagem 25: Diabo 2
Fonte: Própria dos pesquisadores

De acordo com acervo do Museu Penitenciário Paulista a imagem vinte e dois significa matador de policial e a imagem vinte e quatro refere-se à periculosidade do portador, no tocante a uma personalidade violenta e instintiva. Há nítida semelhança tanto entre as imagens vinte e dois e vinte e três como entre as imagens vinte e quatro e vinte e cinco, porém sobre as mesmas seus portadores não expuseram seus significados. Vale frisarmos que, entre a maioria dos entrevistados, as imagens vinte e três e vinte e cinco se tratam de exceções, o que de fato, impede a realização de uma análise mais específica.

Sobretudo, através das imagens e das entrevistas coletada, constatamos que, para os encarcerados entrevistados, suas tatuagens possuem variados significados. O motivo, no entanto, que os levem a marcarem ou continuarem marcando seus corpos, possivelmente provém do próprio ambiente carcerário. Segundo Paredes (2003, p. 4):

[...] os criminosos tatuam-se, ordinariamente, depois que entram para o cárcere. A razão, a vista curta do preconceito não pode entender. Vem dos longos ócios; do tédio das prisões sem trabalho, em sua maioria, que se entretêm, estampando uns nos

outros tais figuras, com os quais, por intuição, por saudade, pela privação das afeições, pelas crenças de proteções mágicas, enfim, pela identificação entre um determinado meio [...].

A prática da tatuagem, entre a maioria dos entrevistados, deriva exatamente do que Paredes (2003) expõe. O meio os influencia, pois, privados de sua liberdade e do convívio social, o que lhes resta é uma única propriedade; o corpo. A tatuagem, assim, torna o corpo modificado e surge como uma forma de libertá-los daquilo que os priva. Consequentemente passa a ser escolhida e determinada segundo a ligação emocional que a imagem exerce sobre o indivíduo, e principalmente, segundo o controle que este tem sobre seu corpo (PIRES, 2005).

Portanto, a prática da tatuagem entre os detentos do IAPEN torna “coerente o eu como um todo integrado, é uma maneira de o indivíduo dizer é aqui que vivo” Giddens (2002, p. 76), ou seja, motiva entre eles o sentimento de posse sobre seus corpos, e de resistência ao sistema prisional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o indivíduo adentra nas unidades penais do Sistema Penitenciário, são levadas em consideração não apenas os requisitos de individualização pena, mas também, os sinais que este eterniza na pele, pois eles podem revelar o mundo criminoso que se forma dentro e fora da prisão, ou mesmo as particularidades de seu portador.

Através deste estudo, esperamos tornar possível o reconhecimento de que no entorno do ambiente carcerário coabitam ações e impressões que se refletem na imagem preconcebida do próprio indivíduo preso. O conhecimento dos motivos e significados das tatuagens, além de sua necessidade de propriedade do próprio corpo, poderá produzir novas perspectivas no que se refere ao tratamento sócio-cultural, isto é, educativo do detento durante o cumprimento da pena.

Analisar a prática e os significados das tatuagens entre os encarcerados do Instituto de Administração Penitenciária do Amapá envolveu cautela, capacidade de adaptação e sensibilidade em relação à abordagem dos entrevistados e às sutilezas do seu discurso, resguardadas no receio da censura ou possíveis punições daí advindas.

Apesar das entrevistas terem sido realizadas fora do ambiente prisional, a princípio, não houve muita reciprocidade entre pesquisadores e pesquisados. Posteriormente, porém, conseguimos confiança para que fossem realizadas as entrevistas. Com certo receio, as perguntas foram respondidas de maneira limitada, pois sempre houve preocupação por parte dos internos em seus depoimentos, essencialmente por que, para eles, falar da vida na cadeia requer sigilo e cuidados.

A princípio a tatuagem pareceu-nos ser apenas um simples adorno corporal, feito para embelezar a pele. Além do mais, entre eles, apesar de muito disseminada, a prática não os divide em dois grupos: os tatuados e os não tatuados. Os indícios de que seria vinculada a um sistema de códigos ligados a determinados grupos criminais, ou que tivessem ligação com o ato criminal, de fato, não nos foi confirmado. Foram encontradas tatuagens que claramente possuem vínculos com o crime cometido, isto, porém requer uma investigação científica mais profunda.

A técnica é precária, sem refinamento e cuidados, certamente devido às condições carcerárias, considerando que se trata de uma prática ilícita, naquele ambiente. Deste modo, a técnica influencia no resultado das tatuagens que normalmente são inacabadas, sem coloração, mais parecendo rabiscos.

Apesar de eles terem conscientização de que a prática ainda é muito discriminada, a maioria dos entrevistados mostrou-se satisfeito com seus desenhos rabiscado, mas poucos declararam ter o desejo de fazer novas marcas devido à discriminação, as dificuldades em relação à aceitação no mercado de trabalho e o estigma da marginalidade. Eles, de modo geral, consideram que, para a sociedade, quem as possui encontra-se à sua margem.

Na cadeia os corpos tatuados se enquadram na normalidade. O estigma encontra-se fora de lá, pois, até aqueles que não se tatuam, vêem a prática como sendo comum desse mundo fechado. A faz quem a quiser.

Para eles os significados das tatuagens vão além da ligação com seus crimes. Retratam toda uma vida constituída dentro e fora da cadeia. Elas surgem em diversas partes do corpo e expressam seus sentimentos, isto é, seus desejos, afeições, anseios, e vontades. Dificilmente se entra e se sai não tatuado. Muitos que fora do cárcere não tinham coragem de fazê-la, ao entrarem, acabaram se tatuando, ou quem já tinha fez outras mais. Lá eles pouco se preocupam com a comunicação visual que elas vão causar sob olhar do outro, por isso, a quantidade e o lugar em que são feitas, parecem não os preocuparem.

Portanto, constatamos que entre eles tatuar-se não equivale a cultuar corpo. A prática não surge da preocupação estética como embelezamento corporal. Eles se tatuam e, possivelmente continuam se tatuando, devido à situação a qual eles estão submetidos, ou seja, o meio os influencia, pois privados de sua liberdade, de seus bens, o que lhes resta é uma única propriedade; o corpo, e dentro do cárcere, essa ideologia social ganha força e influência, desta maneira, a tatuagem entre eles passa a não ser meramente um adorno corporal, mas sim, uma forma de resistência ao ambiente prisional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia sagrada**. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ARAÚJO, Leusa. **Tatuagens, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BERGER, Mirela. **Tatuagens: A memória da pele**. Espírito Santo: UFES, 2007.

CONDURÚ, Marise Teles. **Produção científica na universidade: normas para apresentação**. Belém: EDUEPA, 2007.

COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais: Atualização do sagrado**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

DOALIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 11. ed. Campinas: Papirus, 1995.

FONSECA, Andrea Lissett Perez. **Tatuar e ser tatuado: etnografia da tatuagem**. Florianópolis: Estúdio *Experience Art Tattoo*, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão** Tradução: RAMALHETE, Raquel. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução: DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOLDENBERG, Miriam. **De perto ninguém é normal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KIFFER, Ana. **Corpo, memória, cadeia: o que pode o corpo escrito?** Rio de Janeiro: PUC, 2006.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Tradução: FUHRMAN, Sonia M.S. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEITÃO, Débora Krishke. **Mudança de significado da tatuagem contemporânea**. In: Cadernos IHU Idéias, ano 2, n. 16, 2004.

_____. **À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática em grupos urbanos**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2002.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2007.

MAUSS, M. **As técnicas corporais**. In: **Sociologia e antropologia**. v. 2, São Paulo: 1974.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MEDINA, João Paulo S. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1990.

OSÓRIO, Andréa Barbara. **O gênero da tatuagem: continuidade e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PAREDES, Cezinando Vieira. **O significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Senac, 2005.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **As nazi-tatuagens: inscrições ou injúrias no corpo?** São Paulo: Perspectiva, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RODRIGUES, Apoenam. **Tatuagens: Dor. Prazer. Moda. E muita vaidade.** São Paulo: Terceiro nome; Mostarda, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Maria Albuquerque Mendes da. **As tatuagens e a criminalidade feminina.** In: **Cadernos de Campo.** Ano I. n° 1. São Paulo: FFLCH-USP. 1991.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **É possível realizar uma história do corpo?.** In: **Corpo e História.** Carmem Lúcia Soares (org). 3 ed. Campina, SP. Autores Associados, 2001.

SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e história.** 3. ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2001.

TOFFOLLI, Rodrigo de Oliveira. **Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica.** **Estudos Semióticos.** In: **Cadernos IHU Idéias.** N° 1, São Paulo: USP, 2005.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Tradução: BARBOSA, Regis; BARBOSA, Karen Elsabe. 3. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1994.

APÊNDICE A

Questionário aplicado aos egressos do Sistema Penal Amapaense

Data -----/-----/-----

Nome/Apelido:

Idade:

- 1) Qual o desenho tatuado, e em qual parte do corpo foi feito?
- 2) São coloridos? Sim () Não ()
- 3) Com que idade você fez sua primeira tatuagem?
- 4) Foi feita por quem?
- 5) Qual o significado dela(s) para você?
- 6) Você sabe o significado da(s) sua(s) tatuagem (ns) para a sociedade?
Sim () Não ()
- 7) Se você pudesse tiraria? Sim () Não () Porque?
- 8) Quando foi feita sua(s) tatuagem (ns):
-Antes de ser preso? Sim () Não ()
-Enquanto estava preso? Sim () Não ()
- 9) Porque fez a(s) tatuagem (ns)?
- 10) Deseja fazer mais alguma? Sim () Não () Porque?
- 11) Como foram feitas?
- 12) Existem ou existiram cuidados com os materiais usados na hora de tatuar?
- 13) Já foi discriminado por possuir tatuagem? Sim () Não ()
- 14) Você tem algum conhecimento se no interior das penitenciárias existe algum significado (código) entre as tatuagens? Sim () Não () Qual (is)?
- 15) Após o cumprimento de sua pena você acredita que pode dificuldades para se empregar em função de possuir tatuagens?

Observações do entrevistador:

APÊNDICE B

Termo de autorização do uso de imagem



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Eu _____ autorizo o uso de minhas imagens corporais (tatuagens) para a pesquisa: **CORPO E TATUAGEM: ESTUDO DOS SEUS SIGNIFICADOS ENTRE OS DETENTOS NO AMAPÁ.** Realizada pelos acadêmicos do curso de Ciências Sociais 2005 da Universidade Federal do Amapá.

Macapá-AP, ____ de julho de 2009.

ANEXO

Significados das tatuagens de cadeia utilizados pelo Sistema Prisional Brasileiro.

FIGURA 1¹⁷: Ancora: Simboliza esperança, proteção ou identifica homem que pertence à arte do mar.



IMAGEM 1¹⁸: Pomba: Simboliza sorte, bons ganhos, ou evita ser visto ou presentido.



FIGURA 2: PONTOS: Podem simbolizar estupro, furto, tráfico, roubo, punque ou ainda identificar homicidas ou chefes de quadrilhas.



FIGURA 3: Coração com flexa e sem dizeres: Simboliza a revelação da homossexualidade.



¹⁷ Todas as figuras contidas neste anexo foram adquiridas a partir da fonte: <http://www.eap.sp.gov.br>, 17/10/2009.

¹⁸ Todas as imagens contidas neste anexo foram adquiridas a partir da fonte: VARELA, Dráuzio. Estação Carandiru. São Paulo: SCWARCZ Ltda- Companhia das Letras, 1999 apud PAREDES, 2003.

FIGURA 4: Pinta: Tatuada na lateral do rosto simboliza homossexuais passivos

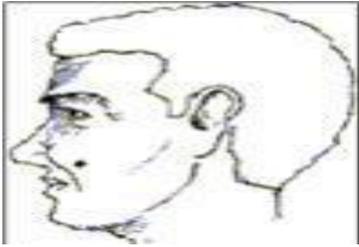


IMAGEM 2 : Borboleta: Simboliza desejo de liberdade, ou usuários homossexuais ou fugitivos.



FIGURA 5: Caravela: Tatuada no coração simboliza liberdade

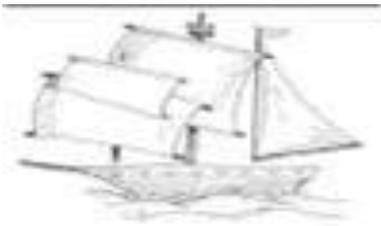


FIGURA 6: Cobra e espada: Simboliza traição, dedo duro, informante de policiais. É geralmente feita a força em detentos que não possuem a confiança do grupo.



FIGURA 7: Cobra: Acredita-se que serve para livra-se da prisão ou de traições e ainda que possa trazer vitórias.

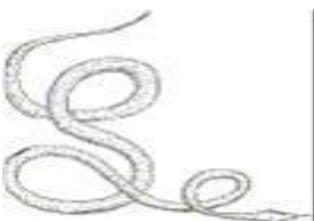


FIGURA 8: Cruzes: Com crânio tatuado no meio das costas simboliza ponta firme, ou seja, usuários que tem a confiança do grupo. Com duas velas acesas: Tatuada também no meio das costas simboliza alta periculosidade.

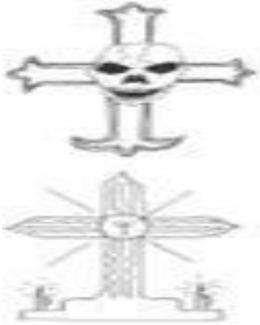


FIGURA 9: Cruz de carvalho: De maneira geral, simboliza advertência, alta periculosidade, ou associação ao latrocínio, mas tatuada em tamanho pequena (10 cm) simboliza pedido de constante proteção (corpo fechado).



FIGURA 10: Estrela Rosa dos ventos: Simboliza liberdade ou amuleto para evitar prisões.

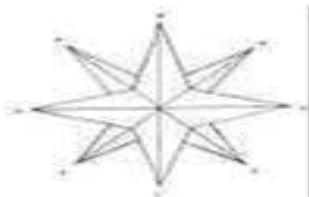


IMAGEM 3: Estrela de Salomão: Simboliza proteção contra bruxaria.



IMAGEM 4 : Jesus Cristo: Latrocínio ou assalto a mão armada.



IMAGEM 5 : Nossa Senhora: Tatuada em no peito ou nas costas, em tamanho pequeno simboliza esperança, proteção e segurança, ou mesmo alta periculosidade. Já em tamanho grande, acima da metade das costas, simboliza que o detento e estuprador ou foi violentado durante o cárcere.



FIGURA 11: Saci: Tatuado geralmente na perna direita simboliza trafico de entorpecentes.



FIGURA 12: Pistola: Tatuada geralmente na perna simboliza latrocínio.



FIGURA 13: Sereia: Tatuada na perna direita simboliza estupro ou atentado violento ao pudor ou também homossexualidade.



FIGURA 14: Amuletos como sol, lua, suástica: Simbolizam tentativa de ser livrar de delitos/ acusações graves, as quais já constam no processo.

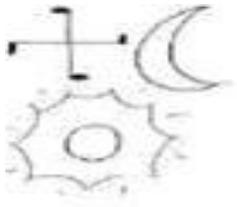


IMAGEM 5 : Teia de aranha: Simboliza morte dos cúmplices

